



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I - CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE - CCBS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE - PPGPS
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DA SAÚDE

BRENNO ARLEY RODRIGUES DE SOUZA

**“EU TINHA MAIS MEDO DE SE CONTAMINAR COM OS PARENTES DO QUE
COM O PRÓPRIO SER MORTO”: O TRABALHO DOS SEPULTADORES EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

CAMPINA GRANDE – PB

2025

BRENNO ARLEY RODRIGUES DE SOUZA

“EU TINHA MAIS MEDO DE SE CONTAMINAR COM OS PARENTES DO QUE
COM O PRÓPRIO SER MORTO”: O TRABALHO DOS SEPULTADORES EM
TEMPOS DE PANDEMIA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Área de concentração: Trabalho, saúde e subjetividade.

Orientador: Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2025

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S729e Souza, Brenno Arley Rodrigues de.

"Eu tinha mais medo de se contaminar com os parentes do que com o próprio ser morto" [manuscrito]: O trabalho dos sepultadores em tempos de pandemia / Brenno Arley Rodrigues de Souza. - 2024.

90 p.: il. colorido.

Digitado. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Saúde) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2024. "Orientação: Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva, Coordenação de Curso de Biologia - CCBS."

1. Fatores de Risco. 2. Serviços funerários - Sepultador. 3. Pandemia - Covid-19. 4. Pandemia - Estratégia de enfrentamento. 5. Riscos ocupacionais. 6. Pandemia - Trabalho essencial. I. Título

21. ed. CDD

614.5

BRENNO ARLEY RODRIGUES DE SOUZA

**“EU TINHA MAIS MEDO DE SE CONTAMINAR COM OS PARENTES DO QUE
COM O PRÓPRIO SER MORTO”: O TRABALHO DOS SEPULTADORES EM
TEMPOS DE PANDEMIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em Psicologia da Saúde.

Área de concentração: Trabalho, saúde e subjetividade.

Aprovada em: 30/04/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Edil Ferreira da Silva
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB
Professor Orientador e Presidente da Banca Examinadora

Manuella Castelo Branco Pessoa
Manuella Castelo B. Pessoa
SIAPE: 3089871

Prof^a. Dr^a. Manuella Castelo Branco Pessoa
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB Membro interno

Prof. Dr. Eduardo Breno do Nascimento Bezerra
Universidade Federal da Paraíba – UFPB Membro Externo

AGRADECIMENTOS

Bendito seja Deus por todo o caminho percorrido “o que darei ao Senhor pelos benefícios que me tem feito? Gratidão, reconhecimento e honra sejam tributados a Ele.

A minha mãe, Luciene do Socorro Nogueira de Sousa, dedico a você mais essa conquista, por reconhecer que em todo o processo da minha vida, sua presença é real e importante, pois o que foi ensinado com muito zelo quando criança, tem sido vivido por nós.

Ao meu pai, agradeço o incentivo, as palavras de ânimo.

A minha família agradeço pelo apoio, compreensão e motivação ao longo de toda a minha caminhada. Meu coração pulsa de amor.

A minha irmã Brenda Karoliny Rodrigues de Sousa e minha sobrinha Laura Maria, por serem presentes em toda a caminhada, mesmo em meio as tensões percorridas no mesmo período de construção do mestrado, vocês são importantes para a minha vida em todos os aspectos.

Aos meus avós Francisco de Sales, Francisca Nogueira e Severina Jorge, minha gratidão por serem o colo no meio da aflição. O jeito meigo, as palavras doces e sinceras, com certeza me fizeram descansar quando acreditava que o peso de conciliar trabalho e estudo estava me sufocando.

A minha tia Neuza Jorge Rodrigues, que foi e será a minha inspiração. O incentivo, a experiência de vida, as orientações e o fato de acreditar diariamente que eu conseguiria, tornaram a minha caminhada mais leve.

Aos meus amigos, Ana Beatriz, Arthur, Ester, Suélly, Larissa Mendes, Larissa Sérgio, Ambrosina, Aldrielly, Tahis e Nalberty, minha gratidão pelas palavras de apoio e incentivo e compreensão diária, pois de perto viram como a caminhada foi trilhada, sobretudo nos espaços de trabalho desenvolvidos ao longo dos anos.

Gratidão sem igual aos meus amigos de trabalho, minha coordenadora Graciele Nery e Secretaria Aldenice Leite, por não medirem esforços e com muita compreensão me favorecerem o cumprimento dos compromissos acadêmicos sem prejuízos de trabalho. No meio da aflição por cumprir as responsabilidades de trabalho e realizar pesquisa, suas palavras me acolheram.

A Edjane Medeiros (dona Jane), Mariana Medeiros vocês são um presente de Deus na minha vida, é a representação do cuidado e zelo dele por mim. O apoio a

mim dado em todas as vezes que precisei, me invadem o coração pelo sentimento de gratidão. Vocês são a minha família também.

A Eliza Moreira, Leane e Celson, a caminhada ao lado de vocês foi muito mais leve e compreensiva. Eliza Moreira ocupando muitas vezes o lugar de coorientadora e sempre com seu jeito doce e sábio me incentivando a prosseguir.

Ao meu orientador Edil Ferreira da Silva, gratidão por ter me apresentado com muita responsabilidade o mundo acadêmico do trabalho, por me fazer sentir o desejo de aumentar a busca pelo conhecimento da área, por me fazer compreender que ser pesquisador é um desafio diário.

Por fim, reconheço a trajetória. Não foi uma tarefa fácil. Estudar, trabalhar cumprir com as responsabilidades de ser família, viver os maiores medos, renunciar e sacrificar, chorar e sorrir, desesperar e acalmar, foram esses sentimentos vividos, mas cheguei até o fim!

O Bem que nasceu nessa dor, há de vingar!

“Vai raiar o sol, vai raiar outra vez, irá aquecer corações e a luz trará um novo amanhecer. O bem que nasceu nessa dor, há de vingar” (Marcos Almeida).

RESUMO

No cotidiano, as interações das pessoas com uma variedade de profissionais de diversas áreas, como motoristas de ônibus, trabalhadores de limpeza urbana, atendentes de posto de gasolina, coletores de resíduos, porteiros, e faxineiros, são frequentes. No entanto, raramente esses trabalhadores recebem a devida atenção ou reconhecimento por suas funções tão essenciais. No período da pandemia o perigo de contágio era tão alto, que o Ministério da Saúde estabeleceu algumas normas de proteção individuais para os profissionais que lidam com o cadáver. Surge, portanto, a necessidade de examinar a saúde do trabalhador em serviços funerários, especialmente o sepultador, devido aos riscos que, aparentemente, ainda não foram adequadamente reconhecidos como ameaças à saúde. Segundo a Psicodinâmica do Trabalho o ambiente laboral tem um impacto significativo na saúde dos trabalhadores. Esse estudo tem como objetivo compreender como se configura o trabalho dos sepultados de cidades de pequeno porte após as medidas de relaxamento das medidas de segurança biossanitárias, bem como durante a pandemia e sua relação com a saúde desses profissionais. A pesquisa foi realizada com cinco sepultadores de três cidades do interior da Paraíba, sendo utilizado como instrumentos o questionário sociodemográfico para a caracterização dos participantes, e entrevista semiestruturada. Os dados coletados da pesquisa foram analisados através da Análise de Conteúdo Categorical. Através dos dados coletados e analisados foi possível representar essa dissertação em dois artigos, sendo o Artigo 1: Trabalho dos sepultadores durante a pandemia de Covid-19: Desafios e formas de enfrentamento da atividade e, o Artigo 2: Condições de trabalho nos serviços funerários e percepção dos sepultadores sobre o seu trabalho durante o período de pandemia de Covid-19. Diante dos achados durante a pesquisa foi visto que se faz necessário cada vez mais reconhecer que a pandemia representou um desafio adicional para os sepultadores, ampliando os fatores de risco do trabalho, gerando sofrimentos e demandando novas estratégias defensivas para proteger sua saúde física e mental. Os dados mostram o quanto os sepultadores foram ativos em seu trabalho produzindo medidas para garantir seu trabalho e sua saúde. Este período excepcional ressalta a necessidade de suporte e recursos adicionais para os trabalhadores enfrentarem essa nova realidade, destacando a importância de políticas e práticas que promovam o bem-estar desses profissionais em momentos de crise.

Palavras-Chave: Sepultador; Pandemia; Organização do trabalho; Estratégia de enfrentamento; Fatores de risco.

ABSTRACT

In everyday life, people interact with a variety of professionals from different areas, such as bus drivers, street cleaners, gas station attendants, waste collectors, doormen, and cleaners. However, these workers rarely receive due attention or recognition for their essential functions. During the pandemic, the risk of contagion was so high that the Ministry of Health established some individual protection standards for professionals who deal with corpses. Therefore, there is a need to examine the health of workers in funeral services, especially gravediggers, due to the risks that, apparently, have not yet been adequately recognized as health threats. According to the Psychodynamics of Work, the work environment has a significant impact on the health of workers. This study aims to understand how the work of burial workers in small cities is configured after the relaxation of biosanitary safety measures, as well as during the pandemic and its relationship with the health of these professionals. The research was carried out with five gravediggers from three cities in the interior of Paraíba, using a sociodemographic questionnaire to characterize the participants and a semi-structured interview as instruments. The data collected from the research were analyzed through categorical content analysis. Through the data collected and analyzed, it was possible to represent this dissertation in two articles, Article 1: Work of gravediggers during the Covid-19 pandemic: Challenges and ways of coping with the activity and Article 2: Working conditions in funeral services and gravediggers' perception of their work during the Covid-19 pandemic period. Given the findings during the research, it was seen that it is increasingly necessary to recognize that the pandemic represented an additional challenge for gravediggers, increasing the risk factors of the work, generating suffering and demanding new defensive strategies to protect their physical and mental health. The data show how much the gravediggers were active in their work, producing measures to guarantee their work and their health. This exceptional period highlights the need for additional support and resources for workers to face this new reality, highlighting the importance of policies and practices that promote the well-being of these professionals in times of crisis.

Keywords: Gravedigger; Pandemic; Work organization; Coping strategy; Risk factors.

LISTA DE TABELAS

Artigo 1

Tabela 1 – Descrição Pessoal e profissional dos participantes22-23

Tabela 2 – Dados referentes ao Covid-19 no município em que foi realizada a pesquisa
.....33

Artigo 2

Tabela 1 – Fatores de risco da profissão do sepultador51-53

Tabela 2 – Identificação pessoal dos fatores de risco53

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAEE	Certificado de Apresentação de Apreciação Ética
Covid-19	Corona Virus Disease
CBO	Classificação Brasileira de Ocupações
DORT	Distúrbios Osteomusculares Relacionado ao Trabalho
EPI	Equipamento de Proteção Individual
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LER	Lesões por Esforço Repetitivos
PDT	Psicodinâmica do Trabalho
PPRA	Programa de Prevenção de Riscos;
SP	Sepultador
TAI	Termo de Autorização Institucional
TAGV	Termo de Autorização de Gravação de Voz
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
1.1	Objetivo Geral	14
1.1.1	<i>Objetivos Específicos</i>	14
2	ARTIGO 1 – TRABALHO DE SEPULTADORES DURANTE A PANDEMIA DE Covid-19: DESAFIOS E FORMA DE ENFRENTAMENTOS DA ATIVIDADE	16
2.1	Introdução	17
2.2	Método	20
2.3	Resultados e Discussões	22
2.3.1	<i>Caracterização dos participantes</i>	22
2.3.2	<i>Organização do trabalho dos sepultadores</i>	24
2.4	Uso da inteligência astuciosa nas ações de proteção durante a pandemia	32
2.5	Sufrimento e Reconhecimento	37
2.6	Conclusão	40
2.7	Referências	41
3	ARTIGO 2 – Condições de trabalho nos serviços funerários e percepção dos sepultadores sobre o seu trabalho durante o período de pandemia de Covid-19	46
3.1	Introdução	47
3.2	Método	49
3.3	Resultados e Discussões	50
3.3.1	<i>Condições de trabalho dos sepultadores: a luta contra os riscos do trabalho</i>	50
3.3.2	<i>O trabalho do sepultador: invisibilidade, preconceito e a percepção do sepultador</i>	58
3.4	Consciência da relevância do trabalho	63
3.5	Conclusão	64
3.6	Referências	65
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
	REFERÊNCIAS	70
	APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO	72
	APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	75
	ANEXO A – TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL	77
	ANEXO B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE	84
	ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ-TAGV	88

1 INTRODUÇÃO

No cotidiano, as interações das pessoas com uma variedade de profissionais de diversas áreas, como motoristas de ônibus, trabalhadores de limpeza urbana, atendentes de posto de gasolina, coletores de resíduos, porteiros, e faxineiros, são frequentes. No entanto, raramente esses trabalhadores recebem a devida atenção ou reconhecimento por suas funções tão essenciais.

Dentre todas as ocupações fundamentais para a sustentação da vida em sociedade, destaca-se o papel dos Coveiros, também conhecidos como Sepultadores ou agentes de apoio. Isso se deve ao fato de que, em momentos de perda de entes queridos, uma situação delicada e dolorosa para os familiares e amigos, o trabalho do sepultador torna-se crucial, pois ele é responsável pela conclusão do processo de despedida durante o velório (Brasil, 2005).

Segundo Campos (2007), os cemitérios são conhecidos por diversos termos e expressões, como necrópole, carneiro, sepulcrário, campo santo, cidade dos pés juntos, última morada, entre outros. No entanto, somente a partir do século XVIII, o termo adquiriu o sentido atual, quando, por motivos de higiene, o sepultamento de corpos dentro de edifícios religiosos foi proibido, e os sepultamentos passaram a ser realizados ao ar livre, em cemitérios localizados distantes das áreas urbanas (Pacheco, 1986 *apud* Campos, 2007).

Apesar de ser uma ocupação milenar, a função de sepultador passou por poucas alterações e aprimoramentos ao longo de sua história. A improvisação de ferramentas, a adaptação de equipamentos e a falta de instrução ou treinamento específico ainda são características presentes nessa profissão (Pessoa *et al.*, 2002).

No entanto, não são apenas esses elementos que afetam o trabalhador sepultador; há também outros aspectos a serem considerados. Do ponto de vista da organização do trabalho, é necessário abordar desde os materiais, equipamentos e procedimentos até a gestão de incidentes. No que diz respeito às características individuais do trabalhador, a literatura destaca as fontes de variabilidade, tanto interindividuais quanto intraindividuais, que englobam aspectos físicos, psicológicos e cognitivos (Abrahão, 2010).

Nesse contexto laboral, observa-se a ausência de treinamentos adequados e de instrumentos apropriados para realizar tanto o sepultamento quanto a exumação dos corpos. Conforme destacado por Pêgas, Santos, Guijarro, Poveda (2009), os

profissionais sepultadores enfrentam uma série de desafios, incluindo a falta de vestimentas adequadas, exposição direta aos líquidos provenientes dos túmulos e o manuseio de substâncias nocivas sem a devida proteção. Além disso, estão sujeitos à exposição solar sem a utilização de protetor solar, aumentando assim o risco de desenvolverem câncer de pele, juntamente com os efeitos negativos dos movimentos repetitivos. Essas condições, somadas ao estigma social associado a suas atividades, contribuem para desgastes psicológicos significativos enfrentados por esses profissionais.

No estudo realizado por Souza et al (2019), é apontado para uma lacuna nos processos psicossociais do trabalho, uma vez que, embora haja elementos que abordem os aspectos psicológicos e sociais do trabalho dos sepultadores, ainda é preciso aprofundar essa discussão, especialmente no que se refere ao impacto desses aspectos sobre a saúde mental dos trabalhadores, sobretudo em uma abordagem mais aprofundada e ampla, que permita uma compreensão mais completa das experiências e vivências desses profissionais.

No período da pandemia o perigo de contágio era tão alto, devido a exposição dos sepultadores aos fluidos corporais infectados, bem como objetos ou outras superfícies ambientais contaminadas, que o Ministério da Saúde estabeleceu algumas normas de proteção individuais para os profissionais que lidam diretamente com o paciente contaminado ou com o cadáver, apontando para aspectos da organização do trabalho através de novas prescrições e para as condições de trabalho recomendando o uso de diversos equipamentos de proteção individuais (Brasil, 2020).

Além disso, as pesquisas também apontam para a importância de se confrontar e reconhecer o trabalho dos sepultadores durante a pandemia. Esses profissionais desempenharam um papel crucial no enfrentamento, garantindo que as pessoas que morreram em decorrência da doença fossem enterradas com dignidade e respeito (Oliveira e Ribeiro, 2021). De modo geral, a imagem dos sepultadores durante a pandemia de Covid-19 foi complexa, refletindo tanto a gratidão por seu trabalho como a ansiedade e o medo que a doença causou na população em geral (Oliveira et al, 2021).

Outra pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2020), em parceria com a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), destacou que os sepultadores também não obtiveram reconhecimento pelo trabalho que realizaram durante a pandemia. A pesquisa destacou que esses profissionais trabalharam sob

pressão e com alto nível de estresse, o que de modo peculiar a saúde mental e física foi atingida.

Surge, portanto, a necessidade de examinar a saúde do trabalhador em serviços funerários, especialmente o sepultador, devido aos riscos que, aparentemente, ainda não foram adequadamente reconhecidos como ameaças à saúde. Esses riscos abrangem aspectos físicos, químicos, biológicos, ergonômicos e também psicossociais, uma vez que, além do trabalho físico desempenhado, esse profissional está constantemente exposto a cargas emocionais significativas devido à natureza intrínseca do processo de morte que permeia seu cotidiano.

Quando abordamos o tema do trabalho, é crucial reconhecer, de acordo com as teorias das clínicas do trabalho, que limitar a discussão apenas aos aspectos adversos, à psicopatologia, às origens e às manifestações do sofrimento no ambiente laboral é negligenciar o potencial de transformação positiva que o trabalho pode exercer na vida dos trabalhadores. Nesse sentido, é fundamental explorar a dinâmica da relação entre o indivíduo e o trabalho, considerando a capacidade do sujeito de criar, reinventar e superar os desafios enfrentados no contexto real do trabalho, compreendendo os processos de resistência e superação por parte dos grupos de trabalhadores (Silveira *et al.*, 2014).

Segundo Dejours (2004), a dinâmica do ambiente laboral tem um impacto significativo na saúde dos trabalhadores. A falta de condições físicas, químicas e biológicas adequadas, juntamente com a organização específica do trabalho, que inclui a divisão técnica e social das tarefas, a hierarquia, o ritmo e a jornada de trabalho, pode exercer uma influência considerável na saúde mental dos trabalhadores, podendo, assim, desencadear situações de sofrimento ou adoecimento psicológico.

Para compreender como essa dinâmica se desenrola, a Psicodinâmica do Trabalho analisa o trabalho em suas dimensões prescrita e real. De acordo com Dejours (2011), fundamentado nos insights fornecidos pela ergonomia da atividade, o trabalho prescrito consiste no conjunto de obrigações impostas aos trabalhadores pelos gestores para a execução de suas atividades laborais, sendo esse conjunto de prescrições denominado de tarefa. Por outro lado, o trabalho real refere-se à maneira como o trabalhador lida com as situações laborais, envolvendo as interações dos trabalhadores com os recursos disponibilizados pela organização e com as pessoas

envolvidas no processo de trabalho, representando uma tentativa de superar as exigências do trabalho impostas pelas organizações.

A interação entre a Psicodinâmica do Trabalho e a Ergonomia revelou essas diferentes perspectivas sobre o trabalho, destacando a existência inegável da lacuna entre a tarefa prescrita e a atividade real do trabalho. Essa lacuna, observável mesmo em tarefas consideradas de execução rigorosa, difere do conceito mais conhecido, no âmbito da sociologia, da distinção entre organização formal e informal, que enfatiza a interação entre constrangimento e autonomia no contexto das relações de trabalho dos indivíduos dentro das organizações e instituições (Dejours, 2011).

A partir deste contexto e referenciais teóricos esta pesquisa tem os seguintes objetivos:

1.1 Objetivo Geral

Compreender como se configura o trabalho dos sepultados de cidades de pequeno porte após as medidas de relaxamento das medidas de segurança bio sanitárias, durante a pandemia e sua relação com a saúde desses profissionais.

1.1.1 Objetivos Específicos

- Levantar o trabalho prescrito e o real do trabalho dos sepultadores;
- Mostrar como se constitui a organização do trabalho dos sepultadores no contexto atual após a pandemia de Covid-19;
- Verificar como se organizam individual e coletivamente na realização da atividade;
- Identificar o sofrimento patogênico ou criativo existente no trabalhar dos sepultadores;
- Mapear os fatores de risco do trabalho dos sepultadores;
- Identificar as formas de proteção à saúde física e mental existentes ou não no trabalho dos sepultadores.

A presente dissertação está estruturada em dois capítulos, além desta Introdução e das Considerações Finais. O primeiro capítulo é referente ao artigo 1 que tem como título *Trabalho de sepultadores durante a pandemia de Covid-19: Desafios*

e forma de enfrentamentos da atividade. Este artigo aborda o trabalho dos sepultadores antes da pandemia e as transformações do trabalho com o advento da pandemia, apontando ainda as estratégias de enfrentamento que foram utilizadas durante a realização da atividade de trabalho.

O segundo capítulo da dissertação trata-se do segundo artigo que tem como título *Condições de trabalho nos serviços funerários e percepção dos sepultadores sobre o seu trabalho.* Neste artigo foi apontado que em meio a pandemia de Covid-19 algumas transformações na organização do trabalho foram desenvolvidas, bem como os sepultadores encetaram formas singulares de viver o cotidiano dos fatores de risco, que primariamente já são parte do ofício do sepultador, agravados pela pandemia de Covid-19, desvelando ainda as percepções individuais sobre esse processo.

2 ARTIGO 1 – TRABALHO DE SEPULTADORES DURANTE A PANDEMIA DE Covid-19: DESAFIOS E FORMA DE ENFRENTAMENTOS DA ATIVIDADE

Resumo

O trabalho do sepultador se realiza em uma situação peculiar na vida das pessoas que é a morte de um conhecido ou ente querido, sendo carregado de significados, preconceitos e constrangimentos. Este cenário de trabalho se agudizou nos anos em que vivíamos na pandemia da Covid-19, isto é, a precarização do trabalho, que vinha se desenhando há muito tempo. Nesse sentido, o objetivo desse artigo é compreender como se constituiu a organização do trabalho durante o período pandêmico, revelando a ação dos sepultadores na atividade e suas consequências psicológicas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório e foi realizada com sepultadores de três cidades do interior da Paraíba. Para a construção dos dados foi utilizado um questionário sociodemográfico e entrevistas semiestruturadas. A análise dos dados foi feita através da Análise de conteúdo. Os resultados evidenciaram que a organização do trabalho sofreu mudanças na realização das tarefas usuais, bem como no modo de configuração da jornada de trabalho e das relações sociais entre os sepultadores, o público e a administração. Verificou-se a imprevisibilidade do trabalho em relação aos enterros, o que necessitou dos sepultadores constante prontidão para responder a chamada de serviço. A disponibilização de EPI não foi acompanhada de treinamento formal para seu uso na execução da atividade. Diante da situação que se apresentava na atividade se mantiveram ativos de modo a enfrentar a atual condição pandêmica, para elaborar formas de se proteger. Para enfrentar o medo da contaminação os sepultadores elaboraram estratégia de defesa coletiva para dar conta do sofrimento e poder continuar trabalhando.

Palavras-Chave: Sepultador; Covid-19; Organização do trabalho; Inteligência astuciosa.

2.1 Introdução

Diariamente convivemos com profissionais de diversas áreas de atuação e são poucas as vezes que nos atentamos para o trabalho que está sendo exercido por eles. Desde o momento em que saímos de casa, o trabalho de terceiros influencia nossa caminhada. A limpeza das ruas, os meios de transporte públicos, porteiros das instituições, ou seja, para cada serviço que utilizamos em nosso cotidiano é necessária a ação ou trabalho de um terceiro. Algumas profissões não são acessadas diariamente, mas em algum momento de nossas vidas teremos contato de uma forma ou de outra. Dentre essas profissões, encontramos a do sepultador. Podemos afirmar ser um trabalho peculiar de modo que sua presença está relacionada com a morte de um conhecido ou ente querido.

Para Zelenovic (2008), dentre as profissões que trabalham com a morte, os sepultadores, comumente tratado por coveiros, possuem uma relevância muito grande, visto que eles são os únicos que realizam o sepultamento do cadáver, momento em que este é coberto por terra ou colocado em jazigos. Além do mais, ainda segundo essa autora, estes profissionais também cuidam da última “morada” de uma pessoa falecida, uma vez que realizam a manutenção de seu túmulo e a exumação dos seus restos mortais, contribuindo assim para a permanência de sua imortalidade simbólica, conservada no cemitério através da manifestação de saudade e louvor dos entes queridos.

De acordo com Costa e Rodrigues (2017), os sepultadores de rede pública, em sua maioria, sofrem inúmeras precarizações nas condições de trabalho, em decorrência do pouco investimento e das condições sociais que os próprios sepultadores vivenciam em sua vida social, relacionado as condições do mercado de trabalho e vulnerabilidade social. Sendo assim, os sepultadores enfrentam condições de trabalho que podem ser desafiadoras e até mesmo perigosas. Para Souza (2020), esta situação de trabalho perigosos se agudizou nos anos em que vivíamos na pandemia da Covid-19, isto é, a precarização do trabalho, que vem se desenhando há muito tempo, caracterizou uma dinâmica de dificuldades para o enfrentamento da pandemia, ao passo que a pandemia tem servido de mediação para exponenciação da precarização.

É evidente a subvalorização social que algumas ocupações enfrentam contemporaneamente, juntamente com as condições precárias às quais estão submetidas, comprometendo, assim, o continuum saúde-doença desses profissionais.

Alguns estudiosos categorizam essas ocupações como estigmatizadas, especialmente aquelas associadas à morte. Dentro desse espectro, incluem-se as atividades dos sepultadores, que desempenham suas funções nos cemitérios.

O trabalho dos profissionais envolvidos com a morte tornou-se ainda mais arriscado durante este período pandêmico pelo qual atravessamos. É de conhecimento público o elevado número de óbitos relacionados à Covid-19 no ano de 2020. Em decorrência disso, as cerimônias fúnebres nos cemitérios tornaram-se frequentes, embora com a presença mínima de pessoas e com maior exposição a riscos por parte dos sepultadores.

Dentro do processo de lidar com a morte e com todo o protocolo de finalização, é inexistente, ainda na função deste profissional, a devida retribuição sobre seu trabalho, estando o mesmo associado a uma atividade de pouco prestígio e visibilidade social e que, em geral, diante da função exercida são estigmatizados, ainda que sejam importantes para a reprodução social (Bendassoli & da Rocha Falcão, 2013).

Carvalho *et al.*, (2021), aponta que os sepultadores apresentaram no período de pandemia adoecimento em decorrência do expressivo aumento de trabalho no período do Covid-19. A escassez de pesquisas longitudinais que acompanhem o cotidiano dos sepultadores ao longo do tempo evidencia uma lacuna significativa na literatura acadêmica sobre o tema. Tal ausência limita a compreensão aprofundada das transformações que ocorrem nas condições de trabalho desses profissionais, especialmente em um contexto de mudanças tecnológicas, organizacionais e de gestão que podem impactar diretamente a dinâmica ocupacional.

Ao se privar a academia de estudos contínuos e de longo prazo, perde-se a oportunidade de analisar de forma detalhada como essas mudanças estruturais influenciam tanto a saúde física quanto a mental dos sepultadores. Profissões que envolvem exposição constante a ambientes insalubres e emocionalmente desgastantes, como o manuseio de corpos e a convivência com o luto alheio, demandam uma abordagem que considere os efeitos acumulativos dessas experiências. A inexistência de um acompanhamento sistemático e longitudinal impede a identificação de padrões recorrentes de adoecimento ou resistência, bem como a proposição de estratégias de intervenção preventiva.

Portanto, a promoção de pesquisas que contemplem a evolução das condições de trabalho ao longo de anos ou décadas, assim como o monitoramento

das repercussões na saúde dos sepultadores, é fundamental para que sejam formuladas políticas públicas e intervenções mais eficazes. Tais estudos poderiam também contribuir para uma maior conscientização social e para a valorização profissional, além de fornecer dados empíricos que permitam um diálogo mais robusto entre gestores, sindicatos e trabalhadores na busca por melhores condições laborais.

Nesse sentido, é perceptível que o trabalho é um elemento fundamental para a saúde, as condições de trabalho, assim como a organização do trabalho, que são fatores que constituem o fazer humano, possuem interferência na saúde. Para Dejours (2008), Dejours (2008) sustenta que o trabalho pode desempenhar um papel ambivalente na vida dos trabalhadores, funcionando tanto como fonte de realização e identidade quanto como vetor de sofrimento psíquico. A exposição a condições inadequadas de trabalho e a maneira como a organização do trabalho é estruturada são fatores decisivos que determinam o impacto psicológico sobre o trabalhador.

Para algumas áreas de estudo que se dedicam à análise do trabalho humano, há um consenso de que o trabalho é um processo dinâmico, variável e enigmático. Algumas abordagens consideram os trabalhadores como agentes ativos em suas práticas laborais, dotados de um caráter empreendedor, que operam dentro das lacunas em que os métodos externos de prescrição não se aplicam totalmente. No entanto, para a Ergonomia, a simples prescrição do trabalho não abarca toda a complexidade das atividades laborais, sendo necessária a consideração da ação do trabalhador no contexto real do trabalho. No ambiente laboral, o indivíduo depara-se com um conjunto de variáveis às quais deve atentar para desempenhar suas funções de maneira produtiva, seja relacionado às condições laborais, à estrutura organizacional, aos grupos de trabalho, às suas características individuais ou a outros aspectos imprevisíveis (Borges, 2006). A regulação do trabalho é o meio pelo qual o trabalhador administra essas variabilidades, lidando com disfunções e incidentes que ocorrem diariamente.

Segundo a Psicodinâmica do Trabalho, os trabalhadores se mobilizam e se comprometem a contribuir com a organização laboral, além de enfrentar os constrangimentos prejudiciais das situações laborais de risco, que incluem as condições de trabalho. Dejours e Aboucheli (1994, p.125) definem organização do trabalho como "a divisão de tarefas entre os operadores, distribuição, ritmo e, por fim, o método operatório prescrito; e, por outro lado, a divisão de homens: distribuição de responsabilidades, hierarquia, comando, controles, etc". Por sua vez, condições de

trabalho, conforme Dejours (1993), englobam os elementos externos do trabalho, compostos pelos elementos físicos, químicos, biológicos, condições de higiene e segurança. O corpo dos trabalhadores é o principal alvo das pressões relacionadas às condições laborais, enquanto o funcionamento psíquico é afetado pela organização do trabalho.

Segundo as contribuições de Dejours (1993) é possível identificar que o sofrimento vivenciado no trabalho pode tomar duas possibilidades: uma criativa, na qual o sujeito desenvolve estratégias e soluções adaptativas para preservar sua saúde frente às demandas laborais; e outra patológica, na qual o sujeito não consegue subverter a organização do trabalho rígida, que impede o pleno desenvolvimento individual e coletivo. Exemplos incluem o consumo de substâncias como álcool e drogas, bem como, em estágios mais extremos, tentativas de suicídio no ambiente de trabalho.

O sofrimento emerge, então, como um processo de interação entre o psiquismo do trabalhador e a configuração organizacional, assumindo um caráter patológico quando não é expresso por meio da liberdade de expressão no contexto laboral e, portanto, não é compreendido ou reconhecido pelo coletivo. Nesse sentido, o sofrimento não é transformado em prazer (Mendes, 2011).

2. 2 Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Caracteriza-se exploratória porque se propõe a levantar informações acerca de um objeto pouco conhecido, buscando revelar suas nuances e especificidades. É qualitativa pelo fato de buscar identificar dados nas experiências subjetivas dos trabalhadores e, sobretudo, sobre o modo de organização do trabalho e suas repercussões para a saúde mental (Lancman & Sznclwar, 2011). A Pesquisa foi realizada com sepultadores de três cidades do interior da Paraíba, sendo elas com a população estimada de 18.298 (município 1), 15.102 (município 2) e 3.931 (município 3), respectivamente, de acordo com o censo realizado em 2022 (IBGE, 2023c). A pesquisa foi realizada no período de junho a outubro de 2023 com vários encontros de forma presencial, nos cemitérios das cidades, em horário previamente combinado com os participantes. Participaram 06 (seis) sepultadores destas três cidades do interior da Paraíba, sendo 03 (três) de município 1, 02 (dois) do município 2 e, 01 (um)

do município 3, a escolha dos participantes se deu pela técnica da amostragem intencional, levando em consideração alguns critérios de inclusão, por exemplo, ter trabalhado no período da pandemia. Para garantir o anonimato das identidades dos participantes utilizamos pseudônimos alfanuméricos de “SP1” até “SP6”.

Foi utilizado na pesquisa um questionário sociodemográfico, dividido em três partes: caracterização, profissão e saúde. As perguntas presentes na primeira parte visaram caracterizar o perfil dos sepultadores que trabalham nos cemitérios alvos da pesquisa, baseando-se em dados socioeconômicos. A segunda parte teve como objetivo levantar informações sobre a experiência profissional e requisitos da atividade. Já a terceira parte do questionário abordou elementos referentes as condições de trabalho verificando aspectos relacionados ao modo como o trabalho é realizado e sua relação com a saúde. Utilizou-se, também, a entrevista semiestruturada que teve como objetivo compreender os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. O roteiro de entrevista foi composto de perguntas como: O que é ser sepultador para você? Como era sua rotina no período da pandemia? O que mudou nos últimos tempos? Como você se sentia antes, durante e após o sepultamento de alguma vítima do coronavírus? E hoje, como você se sente? Você recebeu algum tipo de treinamento ou orientação? Quais os problemas mais frequentes que você enfrenta durante o seu trabalho? E o que você faz para lidar com eles?

Na análise do material resultante da pesquisa os dados do questionário sociodemográfico foram utilizados para traçar o perfil dos sepultadores e mostrar aspectos das condições de trabalho. Já o que redundou da entrevista semiestruturada individual, que foi gravada com anuência dos participantes da pesquisa, foi analisada por meio da análise categorial temática proposta por Bardin (2016) que corresponde ao desmembramento do texto transcrito das respostas dos participantes. Esse desmembramento resulta em categorias que são estruturadas a partir dos temas ou itens de significação encontrados. A partir da análise do conteúdo, foi possível a criação de três categorias temáticas: Organização do trabalho dos sepultadores, Uso da inteligência astuciosa nas ações de proteção durante a pandemia e Sofrimento e reconhecimento do trabalho. A pesquisa seguiu todos os pressupostos éticos em pesquisa com seres humanos, tendo seu projeto devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (CAEE: 70881123.2.0000.5187), número do parecer de aprovação: 6.237.694.

2.3 Resultados e Discussões

A apresentação dos resultados se inicia com um perfil dos sepultadores que fizeram parte da pesquisa e segue com as categorias elencadas acima.

2.3.1. Caracterização dos participantes

Essa pesquisa contou com a participação de 06 sepultadores, todos do sexo masculino, com média de idade de 25 a 59 anos. Acerca do estado civil dos participantes, metade dos participantes são solteiros. Os demais participantes estão casados ou vivem com sua companheira. Apenas, dois participantes possuem filhos. Em relação a escolaridade os dados mostram que quatro dos sepultadores possuem o ensino médio completo, um possui o ensino fundamental incompleto e um possui o ensino superior incompleto, por estar cursando licenciatura em história.

Tabela 1 – Descrição Pessoal e profissional dos participantes

Sexo	Idade	Estado civil	Escolaridade	Filhos	Tempo de serviço	Ingresso	Renda	Carga horária
Masculino	32	Solteiro	Superior incompleto	Não	4 anos	Concurso	R\$ 1.600	Sobre aviso
Masculino	34	Casado	Ensino Médio completo	Sim - 1	4 anos	Concurso	R\$ 2.000	40 h
Masculino	59	Viúvo	Ensino Fundamental incompleto	Sim - 3	32 anos	Concurso	R\$ 2.000	40 h
Masculino	44	Solteiro	Ensino Médio completo	Não	9 anos	Concurso	R\$ 1.800	40 h
Masculino	25	Solteiro	Ensino Médio completo	Não	4 anos	Contrato	R\$ 1.800	40 h

Masculino	38	União Estável	Ensino Médio completo	Sim - 2	9 anos	Concurso	R\$ 1.800	40 h
-----------	----	---------------	-----------------------	---------	--------	----------	-----------	------

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A análise do perfil demográfico dos sepultadores traz à tona importantes aspectos relacionados à sua inserção no mercado de trabalho, bem como às condições que moldam sua vida profissional. O ingresso via concurso público revela uma certa estabilidade no vínculo empregatício, o que, em princípio, poderia ser visto como uma vantagem, especialmente em um país onde a informalidade ainda é uma questão relevante no setor laboral. Entretanto, ao observar a média salarial dos sepultadores, que corresponde a um salário-mínimo acrescido de gratificações, percebemos que essa estabilidade não se traduz necessariamente em uma remuneração que valorize o grau de exposição ao risco e o desgaste emocional que o trabalho exige.

A carga horária de 40 horas semanais é compatível com a legislação vigente, mas, considerando as especificidades do trabalho — que envolve não apenas esforço físico, mas também o enfrentamento diário de situações ligadas à morte e ao luto —, levanta-se a questão de como essa carga horária afeta a saúde mental e física dos trabalhadores. O trabalho de sepultador, além de ser fisicamente exaustivo, também está ligado a um forte impacto emocional, o que demanda uma análise mais profunda sobre a adequação dessas condições à preservação da saúde do trabalhador.

Em relação à questão de gênero, o fato de todos os sepultadores participantes da pesquisa serem homens não é uma surpresa, dado que a profissão é historicamente marcada por uma predominância masculina. Essa concentração de homens na categoria pode ser explicada por uma combinação de fatores socioculturais e estruturais. O trabalho de sepultador é tradicionalmente associado à força física e à insalubridade, características que, culturalmente, têm sido atribuídas como responsabilidade dos homens. As normas de gênero, que ainda perpassam o mundo do trabalho, acabam por reforçar essa divisão, afastando mulheres de funções que envolvem esforço físico intenso ou a exposição a ambientes considerados degradantes.

Além disso, a forte presença masculina nessa profissão também pode ser vista como reflexo de uma divisão sexual do trabalho, na qual certas ocupações são reservadas para homens devido a percepções culturais sobre a adequação de gênero

a determinadas atividades. No entanto, essa predominância masculina na categoria dos sepultadores também sugere que há uma sub-representação feminina em espaços de trabalho que envolvem tarefas relacionadas à morte e ao cuidado com os corpos, áreas em que as mulheres historicamente têm atuado em outras esferas, como a do cuidado doméstico e hospitalar.

A discussão sobre gênero no contexto dos sepultadores também abre espaço para refletir sobre a invisibilização de mulheres em determinadas profissões, e como as barreiras culturais e sociais ainda restringem sua participação em campos onde prevalece o domínio masculino. Isso pode limitar as oportunidades de inclusão e diversidade no mercado de trabalho, especialmente em profissões que, como a de sepultador, envolvem desafios físicos e emocionais que poderiam ser compartilhados por todos, independentemente do gênero.

Portanto, ao analisar o perfil desses profissionais, é necessário questionar tanto a questão da valorização salarial quanto as condições emocionais e físicas a que estão submetidos, bem como a perpetuação de padrões de gênero que restringem o acesso de mulheres a esse tipo de trabalho.

2.3.2 Organização do trabalho dos sepultadores

Como ficou evidenciado em diversas pesquisas sobre a pandemia do coronavírus o modo de enfrentamento do contágio foi o isolamento da população em suas casas. No caso da classe-que-vive-do-trabalho grande parte dela ficou sem trabalhar por um período, outra parte passou a imediatamente trabalhar em home-office, mas teve vários grupos de trabalhadores que tiveram de continuar trabalhando em seus locais de trabalho, mesmo com todos os perigos de contaminação (Antunes, 2013). Podemos aqui citar o caso dos profissionais de saúde, entregadores de mercadorias e os sepultadores de cemitérios. Como vimos na introdução existem várias pesquisas mostrando a realidade de trabalho destes profissionais e o quanto foram fundamentais para a sociedade, mas mostraram também os enfrentamentos dos riscos do trabalho e as consequências que sofreram neste período.

Com base nos dados obtidos nesta pesquisa vamos mostrar como em três cidades de pequeno porte da Paraíba se apresentou a realidade do trabalho para os sepultadores. Iremos iniciar falando de como eles se organizaram em seu trabalho para enfrentar este contexto pandêmico. Com a pesquisa foi possível constatar que a

organização das atividades do sepultador abrange a realização de várias tarefas: Exumação, limpeza do terreno, escavação da cova e manutenção dos túmulos. Para desempenhar essas atividades, são utilizados diversos tipos de ferramentas de trabalho, tais como enxadas, pás, carrinhos de mão, alavancas, e assim como os EPI's. O processo de sepultamento envolve: dirigir-se ao local indicado com as ferramentas necessárias, retirar o caixão do veículo e transportá-lo até a cova ou catacumba, colocá-lo no local apropriado e, em seguida, cobrir com terra ou fechar a porta da catacumba.

Segundo a CBO (Brasil, 2005), que traz a prescrição do trabalho, os sepultadores auxiliam nos serviços funerários, constroem, preparam, limpam, abrem e fecham sepulturas. Realizam sepultamento, exumam e cremam cadáveres, trasladam corpos e despojos. Conservam cemitérios, máquinas e ferramentas de trabalho. Zela pela segurança do cemitério. Verifica-se isso nas seguintes falas dos sepultadores.

As tarefas que eu faço diariamente... As tarefas que eu faço diariamente é o que eu te falei, a manutenção do cemitério no geral. A capinagem do mato, a limpeza, o varrer e a uma ou duas vezes por semana lavar a capela. Isso é o que eu faço" (SP5).

Assim, quando tem enterro, aí o pessoal liga, a gente vem, aí quando tem alguma exumação, a gente vai e tira, e quando não tem, a gente só faz cavar mesmo e pronto. Quando tem um túmulo, a mesma coisa. Abra a tampa, faz exumação, coloca no saco e espera (SP6).

Segundo Dejours (1997), embasado nos princípios da PDT, há uma distinção entre o trabalho prescrito e a realidade do trabalho. Portanto, estamos reconhecendo que a complexidade do trabalho dos sepultadores transcende as descrições formais. Isso destaca a importância de valorizar o trabalho real, levando em conta não apenas as tarefas prescritas, mas também o conjunto de competências e esforços invisíveis que os trabalhadores mobilizam para cumprir com suas obrigações diárias, muitas vezes em condições adversas. A compreensão dessa disparidade é essencial para que sejam propostas melhorias nas condições de trabalho, reconhecimento profissional e políticas que levem em consideração as reais demandas enfrentadas pelos sepultadores no dia a dia.

Isso demonstra que a vivência dos trabalhadores vai além das prescrições que tentam capturar a dimensão invisível do cotidiano laboral, ultrapassando aspectos

físicos e alcançando a subjetividade, as relações interpessoais e a dimensão intersubjetiva envolvida (Ferreira, 2011).

Pudemos perceber, porém, que todo este cotidiano de um cemitério no período pandemia foi modificado. Diferentemente do ocorrido nas cidades grandes e metrópoles brasileiras, nestas cidades de pequeno porte o número de vítimas da Covid-19 não foi tão grande, levando em consideração a proporção das cidades com um maior número de habitantes. Mesmo assim, permitiu que a organização do trabalho sofresse mudanças na realização das tarefas usuais, mostradas acima, de um local como este, bem como no modo de configuração da jornada de trabalho e das relações sociais entre os sepultadores, o público e a administração.

As falas dos sepultadores abaixo oferecem uma compreensão abrangente das atividades e compromissos dos trabalhadores responsáveis pelo sepultamento e pela manutenção de cemitérios. Por outro lado, demonstra as características de uma atividade de trabalho realizada em uma cidade do interior do estado, de pequeno porte no período de pandemia.

“Lá no trabalho...na hora que a gente chega a gente já vai logo sabendo quem é a família que a gente vai sepultar, aí damos andamento ao trabalho, atendemos da melhor forma possível, tentando agradar todo mundo e terminando a gente já pode ir pra casa ou então aguardar o próximo” (SP1).

“É tranquilo, que até mesmo nós, só eu principalmente, né? Só estou aqui quando tem algum serviço a fazer ou exumação, ou sepultamento, entendeu? É só comunicar. A gente tem aqueles fofoqueiros de plantão, as rasga mortaias. Que diz, tu soube quem morreu? Soube. Mas eu nem soube (risos), mas eles vão e relatam, já fica atento. Aí eu venho pra cá pra o cemitério, fico aguardando alguém, quando não vão lá na minha casa, sabe? Aí eu fico por aqui aguardando, mas é tranquilo, bem sossegado. Aí o pessoal vem, mostra o local onde é pra realizar a sepultura, tem o fluxo o de tramite, a ser seguido, né? Documentação de identificação de lote, quadra, responsável pelo sepultamento, para não ficar nada em vão” (SP2).

“O trabalho teve mês que aumentava, teve mês mesmo que aumentava, vinha dois três por semana, era o pico como dizia, realmente era o pico mesmo. Aumentado, né? Aí, nós fazíamos enterros de noite, só eu e ele, família não podia ver. Entendeu. É assim” (SP4).

“Sim, pronto, agora melhorou mais, melhorou assim, principalmente de horário, ficou mais flexível para nós. Porque durante a pandemia a gente era sobre aviso direto. A gente não podia nem sair. Porque a gente viu... Com internet, muita gente internada e a notícia e o fulano foi entubado, sicrano foi entubado e a gente já ficava de alerta” (SP3).

“Era muito puxado, porque a gente tava aqui e de repente recebia um comunicado nos telefone, dos coordenador, dizendo que tinha uma pessoa pra sepultar, eu me deslocava da minha cidade, que é em torno de 40 a 50 minutos, e quando a gente chegava lá, altas horas da noite o corpo da pessoa já estava lá esperando pra ser sepultado e a gente organizava tudo, fazia o trabalho, mas graças a Deus saímos fora” (SP1).

Estas falas revelam que o trabalho nestes cemitérios destas cidades do interior no período da pandemia teve uma sistemática de organização do trabalho que possibilitou aos trabalhadores não ter de cumprir uma jornada de trabalho diária ou semanal, conforme prevê a legislação prescrita. Em face do tamanho do cemitério, das demandas existentes, como as tarefas elencadas mais acima, a quantidade menor de enterros por dia ou semana, os trabalhadores não precisaram ficar cumprindo a quantidade horas determinadas externamente em períodos “normais”. Entretanto, quando existia uma necessidade os trabalhadores ficam por mais tempo que o determinado para sua jornada diária ou semanal ou, então, compareciam aos cemitérios, por um chamado da administração, em horário noturno, não usual para a realização destes atos. Em face do risco de contaminação muitos enterros foram realizados no período noturno.

“A princípio a gente vai fazer a biometria lá na prefeitura e vem pra cá às 7 da manhã e ficar aguardando o sepultamento do dia. Quando a gente já sabe na véspera, o pessoal procura antes, a gente já vem com algum parente da família, abrir uma sepultura, exumar caso necessário, deixar preparado para o sepultamento. Geralmente aqui é a tarde o sepultamento. No geral é seis, quando está em estado de decomposição, por exemplo, uma pessoa que foi encontrada já alguns dias, 8 horas, 9 horas, 10 horas, é assim, o horário é bem louco. Por isso que, por exemplo, eu estou aqui vivo para ir para qualquer canto. Mas daqui a pouco o telefone toca e morreu minha tia cavar a cova para o terço de tarde. É assim, quase todos os dias, independente do dia” (SP3).

“Sim, pronto, é assim. Na segunda-feira eu só venho pra cá quanto mais tem enterro sabe assim? De segunda a sexta. Mas como hoje meu colega tá de férias, eu tô acompanhando o outro. Aí eu fico de segunda a domingo. Aí pego... Só vou falar que não tem enterro mesmo. Aí quando não tem, eu não venho não” (SP6).

Portanto, se verifica pelo que apontam os entrevistados que em face da pandemia a organização do trabalho foi flexibilizada e devido ser uma cidade de

pequeno porte e o número de mortes ser proporcional ao número de habitantes, em face dos sepultadores conseguiram constituir seu modo próprio de cumprir a jornada de trabalho de acordo com as demandas que se apresentam para sua atividade diária. Assim, constituíram diante das contingências do real do trabalho suas regras de trabalho para dar consecução as demandas que aparecem no cotidiano ou são solicitadas pela administração dos cemitérios.

Nas falas anteriores verifica-se a imprevisibilidade do trabalho descrita pelos trabalhadores, principalmente em relação aos enterros; eles estão constantemente prontos para responder a chamada de serviço, essa vivência pode levar ao aparecimento de sofrimento psíquico seja durante o período pandêmico ou mesmo antes. Situações de trabalho que envolvem incerteza, pressão temporal e demandas emocionais podem levar ao sofrimento psíquico dos trabalhadores. No entanto, os trabalhadores também demonstram estratégias de enfrentamento adaptativas, como a prontidão para agir em situações de urgência, o que pode ajudá-los a lidar com esses desafios (Dejours, 2004, 2012a, 2012b).

Quando inquiridos sobre a rotina de trabalho em períodos ditos normais, os sepultadores citaram as tarefas prescritas e outras que fogem a este escopo, além de mencionarem a necessidade de se envolver em outras atividades, como limpeza e manutenção do cemitério, quando não há sepultamentos imediatos. Nessa perspectiva, Maeno e Paparelli (2013) corroboram apontando em seus estudos questões relacionadas à carga de trabalho, à variedade de tarefas e à autonomia no trabalho.

“Olha minha rotina de trabalho é geralmente assim quando não há sepultamento, eu começo a trabalhar no horário normal aqui da prefeitura, que é a partir das 8 horas, aí eu chego lá no trabalho. Quando não há sepultamento, eu fico mais na questão da limpeza, entendeu? Vou caçar no mato, vou organizar alguma coisa que está bagunçado no cemitério lá. Vou fazer uma... varrer o... Vou varrer o, a capela lá, limpar” (SP5).

A imagem do trabalho em um cemitério de uma cidade pequena do interior do Nordeste parece simples e monótona, entretanto, nas falas os sepultadores oferecem os detalhes da atividade, destacando não apenas as habilidades técnicas necessárias para suas funções, mas, também, a prontidão, a dedicação e a empatia exigidas para lidar com as diversas situações que surgem neste contexto sensível e importante para

a comunidade e as famílias. Os sepultadores ressaltaram que o saber/fazer que detém sobre o trabalho é fruto da experiência de cada um e do coletivo, constituído ao longo do tempo de trabalho. Todos os participantes da pesquisa relataram nunca terem recebido treinamento específico para a execução de suas funções e, em muitos casos, os equipamentos disponíveis são sucateados, deteriorados e, em alguns casos, reparados pelos próprios funcionários. Por isso, afirma Dejours:

Trabalhar é preencher a lacuna entre o prescrito e o real [...], aquilo que o sujeito deve acrescentar às prescrições para poder atingir os objetivos que lhe são designados; ou ainda aquilo que ele deve acrescentar de si mesmo para enfrentar o que não funciona quando ele se atém escrupulosamente à execução das prescrições (Dejours, 2004, p. 28).

O entendimento de como a organização do trabalho se constitui é fundamental para se levantar como se faz, se age, bem como compreender os aspectos psicológicos do trabalho. Um ambiente cujo modo de fazer e organizar o trabalho é flexível pode ser ao mesmo tempo produtivo e saudável. Nesse sentido, as citações fornecidas pelos sepultadores durante a pesquisa, oferecem recursos importantes sobre a importância das pausas no trabalho, a necessidade de recarregar energia e a utilização desses momentos para atividades pessoais que contribuem para o bem-estar dos trabalhadores. Ao analisarmos essas citações à luz dos conceitos da Psicodinâmica do Trabalho, podemos compreender mais profundamente como as dinâmicas que organizam o trabalho impactam os trabalhadores em níveis físicos e psicológicos, bem como possibilita o engendramento de estratégias no enfrentamento dos desafios e dificuldades que se apresentam no cotidiano.

“Dar uma parada, uma andada, ver se tem algum túbulo disteorado, alguma coisa assim, pra avisar a coordenação, alguma tampa laxada alguma coisa assim” (SP1).

“Quando tem? É. Porque ninguém é como um motor, que até eles mesmo tem que parar pra abastecer” (SP2).

“Nas pausas do meu trabalho, eu gosto de ler, sabe? Ler, eu gosto geralmente como eu tô na faculdade. E pego material da universidade e vou ler, levo uma postila ou levo alguma coisa em PDF, as vezes uma leitura divertida, algo pra mim, pego, levo um livro e vou ler nas minhas pausas. É isso que eu faço” (SP5).

A fala dos sepultadores, ressalta a relevância das pausas no trabalho e da atenção aos detalhes para identificar problemas ou irregularidades no ambiente laboral, como túmulos danificados. Essa prática demonstra uma atitude de vigilância ativa, essencial para a segurança e qualidade do trabalho (Santos, 1998), além do que, representa o uso da experiência do trabalho e da inteligência da prática (Dejours, 2012b) para saber quando o corpo precisa descansar para poder continuar depois com as atividades. Neste sentido, as pausas funcionam como regras de prudência para prevenir o cansaço e sobrecarga. Podendo se destacar o uso das pausas no trabalho para realizar atividades de interesse pessoal, como a leitura. Isso demonstra a busca por atividades que proporcionem satisfação pessoal e ajudem na recuperação do sofrimento relacionado ao trabalho, alinhando-se a importância de desenvolver recursos pessoais. (Lancman & Sznelwar, 2011).

Faz parte da organização do trabalho estabelecer as normas e preparar os trabalhadores para a execução do trabalho, dentre outros aspectos da prescrição do trabalho: ritmos, tempo, meios e metas a cumprir. Devido ao período de pandemia pelo qual passamos, uma das medidas adotadas pelas organizações foi potencializar a disponibilização de Equipamentos de Proteção Individual (EPI) para os trabalhadores. Isso ocorreu com a administração das três prefeituras das cidades em que a pesquisa foi realizada.

No que diz respeito a pandemia, é importante demarcar que diante do panorama da pandemia o Ministério da Saúde, desenvolveu alguns protocolos para o manejo dos corpos (Fernandes & Tude, 2021). Esse protocolo estabeleceu diretrizes específicas para os profissionais do setor funerário em relação aos óbitos atribuídos à Covid-19. Além disso, desde março de 2020, diversas secretarias de saúde de estados e municípios brasileiros também emitiram resoluções sobre o manejo e acompanhamento dos casos de óbito no contexto da pandemia (Bezerra & Matos, 2020). Porém, foi destacado pelos sepultadores que a disponibilização de EPI, no período de pandemia, não foi acompanhada de treinamento formal para seu uso na execução da atividade.

“Não, não. A gente mesmo que foi atrás, fizemos umas pesquisas sobre como se proteger e vamos se proteger, vamos se proteger e deu certo, graças a Deus” (SP1).

“Não, não. É igual eu disse, treinamento foi leitura que eu fiz a respeito” (SP4).

“Sim, a gente ficava sobre aviso. Quando a gente chegava aqui pra fazer o sepultamento tinha a questão dos EPI, né, que a princípio não tinha vindo pra gente aqui as EPI, aí eu mandei uma solicitação pedindo, um documento, um requerimento pedindo luva, máscara, álcool em gel, pedi também aquela roupa especial e por sorte chegou a tempo de fazer, antes de fazer o sepultamento quando a gente fez o primeiro sepultamento aqui de Covid-19 a gente já estava com esse material já e assim, foi um momento também de apreensão né aquele momento de apreensão porque a gente, a gente não sabia, não conhecia o vírus, como ainda não conhece também totalmente né, e foi bem apreensivo, né? Porque querendo ou não, a gente tinha medo de se infectar, morrer do vírus” (SP5).

“É, no começo a gente antes, ficava com medo, né, no início, de contrair, mas aí o pessoal disponibilizava os EPI’S tudo ok, se protegia e enfrentava, depois a gente ficava bem tranquilo, porque sabendo que com EPI’S aí era bem mais fácil não contrair o vírus, né?” (SP1).

As falas dos sepultadores, destacam a preocupação dos trabalhadores com a proteção pessoal diante dos riscos associados ao trabalho em meio à pandemia de Covid-19. O relato do trabalhador SP1 evidencia a busca autônoma por informações sobre medidas de proteção e a sensação de alívio ao perceber que as precauções adotadas foram eficazes. Já o depoimento de SP4 ressalta a importância do autodidatismo na aquisição de conhecimentos sobre segurança no trabalho, enquanto SP5 descreve o processo de solicitação e obtenção de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), destacando a apreensão inicial e a posterior tranquilidade proporcionada pela disponibilidade desses recursos de proteção.

Observa-se, ainda, que SP1 reitera a sensação de segurança proporcionada pelo uso adequado dos EPIs, destacando a mudança de perspectiva após a garantia do acesso a esses equipamentos de segurança. Esses relatos refletem não apenas a adaptação dos trabalhadores aos desafios impostos pela pandemia, mas também a importância do fornecimento adequado de recursos de proteção e da educação continuada sobre medidas preventivas no ambiente de trabalho.

Estas vivências subjetivas dos sepultadores em relação aos EPIs demonstram o quanto em sua atividade tiveram que ser ativos para se protegerem contra os perigos da contaminação. Foram ativos, também, na busca de informações sobre como se proteger contra o vírus SARS-COV-2 que provoca a Covid-19; bem como cobraram da coordenação dos cemitérios os equipamentos para se protegerem. Portanto, aonde a organização do trabalho formal não atuou de pronto, os trabalhadores com sua organização do trabalho informal atuaram e encetaram esforços pessoais e coletivos

para se protegerem contra a possibilidade de contaminação. As falas ainda demonstram que o modo de lidar com os EPIs foi se constituindo na prática, na atividade. Isso demonstra o uso da inteligência astuciosa por estes trabalhadores que diante dos desafios e constrangimentos do trabalho foram encetando formas de lidar com os perigos e conseguir realizar sua atividade com cuidado e resolutividade.

As vivências subjetivas e experiências apresentadas pelos sepultadores a partir das entrevistas demonstram o quanto a organização do trabalho teve de se reordenar neste período de pandemia e o quanto os trabalhadores tiveram que usar de seu saber/fazer na atividade para dar conta daquilo que o que fora passado para eles não abrangiam o conteúdo do real do trabalho. Toda esta maquinação não é neutra em relação a saúde e a subjetividade dos trabalhadores. No próximo tópico trazemos como, na atividade, os sepultadores foram contornando os desafios e agindo para se manter saudáveis e ativos.

2.4 Uso da inteligência astuciosa nas ações de proteção durante a pandemia

Com o advento da pandemia de Covid-19 que assolou todo o mundo, foi claramente observado a mobilização de Estados e Municípios para o enfrentamento da doença, de modo que todos estivessem empenhados na mitigação dos riscos e diminuição do contágio. No Estado da Paraíba não foi diferente, houve inúmeras mobilizações, assim como divulgação de protocolo de atendimento, manejo de pacientes contagiados e até referência de encaminhamento para os pacientes graves (Fernandes e Tude, 2021).

Nos municípios em que a pesquisa foi realizada, foram observados um número de contágio e óbito bem menor comparado aos grandes centros, um fato que evidenciou uma realidade singular vivenciada pelos sepultadores dos municípios de pequeno porte. Destacam-se os dados abaixo da realidade do Covid-19 nos municípios pesquisados.

Tabela 2 – Dados referentes ao Covid-19 no município em que foi realizada a pesquisa

Código- IBGE	Popula ção	Tx. Mortalida de	Tx. Letalida de	Incidência Total	Óbitos (2020-2022)		
					Feminino	Masculino	Total
250770 5	17.007	103,14	1,19	8.701,55			

					4	15	19
Código- IBGE	Popula ção	Tx. Mortalida de	Tx. Letalida de	Incidência Total	Feminino	Óbitos Masculino	Total
					12	5	17
251610 2	13.968	111,76	0,78	14.272,57	Feminino	Óbitos Masculino	Total
					1	2	3
Código- IBGE	Popula ção	Tx. Mortalida de	Tx. Letalida de	Incidência Total			
251300 0	3.355	75,47	1,11	6.817,61			

Fonte: <https://paraiba.pb.gov.br/diretas/saude/coronavirus/dados-epidemiologicos-covid>

Apesar de os dados apresentarem que o quantitativo de mortos pela Covid-19 foi pequeno, em comparação com as cidades de porte médio e grandes, o nível de contaminação se apresenta com a mesma gravidade, pois o contato direto com o vírus poderia ser causa de contrair a doença. O risco biológico do SARS-CoV-2, até então desconhecido, revelou-se de alta letalidade em nível mundial. A vacina foi desenvolvida e aprovada em 2020, sendo que no Brasil sua aprovação e liberação para aplicação na população ocorreram apenas em 2021.

Deste modo, os entrevistados da pesquisa relataram que no primeiro momento não tiveram orientação sobre como se proteger contra o vírus e tiveram que agir no curso da atividade para poder continuar trabalhando. Isto quer dizer que foram os próprios trabalhadores a partir do desenvolvimento dos saberes informais oriundos da experiência que encetaram saídas, procurando informações de segurança contra o vírus para poder realizar suas tarefas. Estamos, então, diante de um processo que aponta para o conceito de inteligência astuciosa do sepultador para vivenciar o ofício (Dejours, 2004).

“Não, não. A gente mesmo que foi atrás, fizemos umas pesquisas sobre como se proteger e vamos se proteger, vamos se proteger e deu certo, graças a Deus” (SP1).

“Não, eu mesmo que procurei sobre como fazer” (SP2).

“Isso, porque não vinha, tava todo mundo esquecendo que a gente que ia enterrar o povo de Covid-19” (SP2).

“Não, só passaram para a gente para não abrir caixão, isso aí era o médico que já ligava para nós de Campina, não pode abrir, a família não pode ver, não sei o quê, não chegar perto, só a recomendação, “sabe?” (SP4).

As falas dos sepultadores, revelam que em função da situação que se apresentava na atividade sobre a forma de algo desconhecido e que seu enfrentamento ainda era incerto e o que existia ainda não lhes tinha sido apresentado, tiveram que ser ativos e elaborar formas de se proteger. Neste sentido, buscaram informações para promover formas concretas e seguras para continuar sua atividade. Esta situação revela a invisibilidade desses trabalhadores no âmbito da administração municipal destes municípios, muito embora sejam de profissionais extremamente importante, sobretudo durante o período pandêmico.

Embora os trabalhadores tenham sido ativos e inventados saídas para enfrentar as situações de ter que enterrar mortos cuja causa foi a contaminação pelo Covid-19, eles sofreram bastante durante este período de pandemia. As falas dos sepultadores demonstram o quanto temiam ser contaminados e ficar doente, por conseguinte correr risco de morrer.

“Vinha por exemplo, eu tinha mais medo de se contaminar com os parentes do que com o próprio ser morto porque as pessoas vinham contaminada e ficava ali, próximo ali o outro, a gente sabia que estava lá, todo isolado, com o saco preto e nem... Mas os parentes não, vinha próximo, chorando e tal. O contágio era assim, eu mesmo contrai o Covid-19 no sepultamento. Dos parentes, acho que não foi nem do morto” (SP3).

“Antes do sepultamento, assim, quando vinha que disse que era Covid-19, né, a primeira vez, logo eu fui receoso, né, disse, puxa, fazer um sepultamento de Covid-19 e foi mesmo num momento que estava no Brasil todo, e tinha a questão das notícias que muitas das vezes é até melhor, nem assistir, parei até de assistir jornal essas coisas porque estava mexendo com o meu psicológico principalmente pela minha função aí, mas antes assim, do sepultamento era de se preparar, né?” (SP5).

“É, no começo a gente antes, ficava com medo, né, no início, de contrair, mas aí o pessoal disponibilizava os EPI'S tudo ok, se protegia e enfrentava, depois a gente ficava bem tranquilo, porque sabendo que com EPI'S aí era bem mais fácil não contrair o vírus, né?” (SP1).

“Eu pra ser bem sincero contigo, do jeito que eu encarava os sepultamentos antes da pandemia, que nem existia ainda, né? Eu encarei os outros da mesma forma, porém com um pouco mais de

precaução, com os equipamentos e EPIs mais adequados, né? Mas sem nenhum receio” (SP2).

O relato de SP5 evidencia uma postura cautelosa e proativa diante dos riscos associados à exposição ao vírus, demonstrando a adoção de medidas de proteção pessoal rigorosas e a conscientização sobre a importância de evitar aglomerações para minimizar o risco de contágio. Esse comportamento ilustra a preocupação com a própria segurança e a de terceiros, refletindo uma abordagem preventiva diante de um ambiente de trabalho potencialmente arriscado.

Já o que diz SP3 revela uma preocupação particular com o contágio por parte dos parentes dos falecidos, em contraste com a percepção do risco associado aos próprios corpos. Essa observação destaca a complexidade das dinâmicas dos sepultamentos e a influência dessas interações na percepção e gerenciamento do risco de infecção pelo vírus.

Por outro lado, a observação de SP1 sobre a sensação de maior conforto em relação ao período inicial da pandemia sugere uma possível adaptação aos novos protocolos e condições de trabalho, indicando uma evolução nas práticas de segurança e uma maior familiaridade com os procedimentos necessários para lidar com a situação. Esses relatos destacam a importância da análise das percepções e estratégias adotadas pelos trabalhadores para lidar com os desafios impostos pela pandemia, contribuindo para uma compreensão mais abrangente dos impactos psicossociais no ambiente laboral. (Silva, 2018).

Na continuidade da fala de SP1, observa-se uma evolução na percepção do risco ao longo do tempo, indicando uma transição de sentimentos iniciais de medo para um estado posterior de tranquilidade, atribuído à disponibilidade de Equipamentos de Proteção Individual (EPIs) e à confiança na eficácia desses dispositivos na prevenção da infecção pelo vírus. Já a observação de SP2 evidencia uma continuidade na abordagem profissional em relação aos sepultamentos, apesar da emergência da pandemia, sugerindo a possibilidade de uma estratégia de defesa, de negação, se apegando as medidas de segurança e protocolos, dizendo que a situação não afeta significativamente sua atitude em relação ao trabalho. Portanto, não deixar se afetar pelo contexto pode ser uma forma de se proteger psicologicamente contra o medo que assola o ambiente de trabalho.

Podemos verificar o quanto a situação de trabalho, representada pelo ato de enterrar os mortos pela Covid-19 e, principalmente, pelas relações que estabeleciam com os familiares que acompanhavam os sepultamentos, causava o medo e o receio dos trabalhadores. Neste sentido, a realização da atividade exigiu bastante do lado afetivo e emocional do sepultador por ter que lidar com a situação de possibilidade de contaminação, que era um elemento objetivo de seu trabalho. Além do mais, o sepultador tinha que compartilhar daquele momento de dor, tristeza e emoção extrema dos familiares dos mortos. Embora em situações ditas normais a atividade do sepultador trata-se de uma profissão convocada para o trabalho socialmente doloroso, ou seja, sepultar-a-dor (Silva, 2018), o período da pandemia fez o contexto se tornar mais agudo em termos psicológicos. Por isso eles falam do medo, do receio em lidar com a situação, das precauções que tomavam. Portanto, a vivência de um sofrimento que mexe com o psicológico dos sepultadores.

Diante de condições de trabalho agudas como as existentes durante a pandemia, não restava outra atitude dos sepultadores que ficarem preocupados com sua segurança e saúde. Em face disto, continuaram realizando suas atividades, mas buscaram a mobilização do corpo e da inteligência para realização do trabalho, ficando mais atentos com sua proteção e segurança, além da proatividade.

“Eu ficava apreensivo, né? tomava todos os cuidados, pensava detalhadamente, separava meus EPIs direitinho pra deixar tudo no ponto, pra não esquecer nada na hora que vinha aqui, depois que chegava aqui no cemitério já com a roupa lá, com a EPI toda, máscara com filtro, luvas chegava de preferência, logo de início, o pessoal era muito teimoso vinha uma turma grande, a gente dizia que não viesse assim, Eu geralmente ficava... o pessoal ficava lá ou ficava afastado, eu sempre ficava de lado, entendeu? Esperava o pessoal querer sepultar, enquanto não, ficava de lado nos cantos, eu não ficava junto com o pessoal porque eu dizia: “não, eu aviso pra não ter aglomeração e eu vou me meter no meio da aglomeração”. Até por questão de... pelo medo, né?” (SP5).

“Bem mais folgado. Porque com essa doença era bem mais difícil. Hoje não as coisas são bem mais folgadas” (SP1).

Em conjunto, esses relatos oferecem uma compreensão abrangente das diferentes nuances de enfrentamento e adaptação dos trabalhadores do setor funerário diante da pandemia, destacando a importância da análise das percepções

individuais e das dinâmicas sociais para uma compreensão mais completa dos impactos psicossociais no ambiente de trabalho (Soares, 2018).

2.5 Sofrimento e Reconhecimento

O período da pandemia trouxe uma série de desafios que tornava as prescrições do trabalho defasadas, tendo o trabalhador que utilizar de recursos próprios e de capacidade inventiva, portanto mobilizar sua inteligência para lidar com o inusitado. O enterro que é um produto final do trabalho do sepultador, que ele dominava toda as fases para consecução, desde cavar o buraco para colocar o caixão até o momento de fechamento do local onde o corpo foi inserido, tornou-se de repente, em face da pandemia, algo que resiste aos procedimentos até então estabilizados e ao saber/fazer. Assim, esta atividade passou a ser um sofrimento para o trabalhador, pois ele tinha toda uma sistemática para fazer o enterro, que envolvia emoção, mas com a pandemia muda tudo, inclusive os horários de enterro. As pessoas não podiam olhar seus entes queridos pela última vez, portanto, se criou um clima subjetivo muito difícil de enfrentar, além das medidas de segurança que tinha que adotar para fazer os enterros, o que dava medo. Algumas falas mostram este contexto de sofrimento.

“Porque a gente chega lá, muitas das vezes, como você sabe, quando a gente chega lá para trabalhar, alguém está chorando, né? E... Eu acredito que trabalhar como sepultador é, pra mim, é algo, como eu posso dizer. Algo desafiador também, porque a gente está ali e a gente tem que ser profissional, a gente não pode... a gente tem que ter, como é que eu posso dizer, objetividade no trabalho, a gente não pode se influenciar pelo choro das pessoas” (SP5).

“Do mesmo jeito é a gente, muitas das vezes a gente está ali, vê o sofrimento das pessoas, mas a gente sempre tenta se manter, como é que eu posso dizer, se manter objetivo, não se influenciar pelas emoções. Para mim ser sepultador é, digamos que é um desafio. Todo dia” (SP6).

Para enfrentar esta situação somente se protegendo, também, psiquicamente. É o que revela a segunda fala quando o sepultador diz: “mas a gente sempre tenta se manter, como é que eu posso dizer, se manter objetivo, não se influenciar pelas emoções”. Deste modo, verifica-se a elaboração de uma estratégia de defesa para dar conta daquele sofrimento, para que possam continuar trabalhando e não sucumbir ao adoecimento mental. O outro sepultador reafirma a estratégia de defesa quando

diz: “a gente tem que ter, como é que eu posso dizer, objetividade no trabalho, a gente não pode se influenciar pelo choro das pessoas”. Portanto, para enfrentar as pressões do trabalho que se impõe na atividade nos momentos de muita emoção que os enterros carregam eles elaboram esta estratégia de defesa.

O sofrimento do trabalho, também, se efetivava porque para além das mortes que cotidianamente eram enfrentadas, houve as mudanças no manejo dos corpos e até o aumento a partir da pandemia. Como mostra o recorte da fala do Sepultador 4.

“O trabalho teve mês que aumentava, teve mês mesmo que aumentava, vinha dois três por semana, era o pico como dizia, realmente era o pico mesmo. Aumentado, né? Aí, nós fazíamos enterros de noite, só eu e ele (o filho que também é sepultador), família não podia ver. Entendeu. É assim.” (SP4).

Embora elaborem estratégias de defesa para conjurar o sofrimento e não sucumbir, os sepultadores não deixam de se solidarizar com as famílias. Como afirma Flores e Moura (2018) que quando se trabalha com a morte como ofício, inevitavelmente, denunciam-se as formas mais variadas de sofrimento, histórias e dores presentes nos familiares, mas que também são vivenciadas pelos sepultadores em seu ofício.

A toda contribuição que os trabalhadores dão para a eficácia da organização do trabalho esperam uma retribuição ao seu fazer. Como vimos no caso dos sepultadores, toda uma maquinação do uso da inteligência e do engajamento da sua subjetividade para enfrentar as questões do real do trabalho, para continuar o trabalho mesmo enfrentando condições de trabalho adversas, principalmente em relação a segurança do trabalho. Foi possível verificar o quanto que tiveram de ser ativos para que as medidas de proteção individual lhes fossem fornecidas.

Diversas pesquisas demonstraram o quanto o trabalho do sepultador é considerado sujo, precarizado, invisibilizado, sem reconhecimento social. No caso dos sepultadores dos cemitérios das cidades pesquisadas, quando perguntados se sentiam reconhecidos pelo seu trabalho foram unânimes ao verbalizarem sobre a satisfação em exercer seu ofício.

“Sinto reconhecimento sim, muita gente da administração, coordenação e algumas pessoas elogiam meu trabalho” (SP1).

“Já recebi elogio em rede social, em mensagem do whatsapp, agradecendo, educação o carinho com a família, né, o cuidado” (SP3).

“Sempre a prefeitura, o pessoal da prefeitura, eles sempre gostam do meu trabalho, sabe? Eles dizem que eu sou uma pessoa pontual, uma pessoa que sempre está disponível para ajudar. E geralmente recebo alguns elogios, sabe? Mais da parte da parte da prefeitura assim e também da parte do pessoal que vem sepultar seus entes queridos eles dizem: “você é muito muito atencioso você é uma pessoa calma!” (SP5).

Os discursos, evidenciaram a valorização e o reconhecimento do trabalho dos sepultadores por parte da comunidade, da administração pública e das próprias famílias enlutadas. Os relatos de SP1, SP3 e SP5 destacam a importância do feedback positivo e dos elogios recebidos, que não apenas validam o empenho e a dedicação dos trabalhadores, mas também fortalecem sua autoestima e senso de valorização pessoal. (Flores e Moura, 2018).

Esse reconhecimento externo não apenas motiva os sepultadores a continuarem desempenhando suas funções com excelência, mas também reforça a conexão emocional entre eles e as pessoas que são atendidas em momentos tão delicados. Essas experiências corroboram os estudos de Dejours (2012b) que enfatiza a importância do reconhecimento e da valorização dos trabalhadores como fatores chave para a saúde psicológica e o bem-estar no ambiente laboral.

2.6 Conclusão

A partir das vivências e experiência dos sepultadores verificadas nos relatos dos mesmos foi possível verificar como se constituiu a organização do trabalho, revelando suas tarefas e todo o intrincado movimento de realização da atividade. A falta de compreensão acerca das nuances do labor dos sepultadores propicia interpretações distantes da realidade, concernentes às atividades por eles desempenhadas.

A realidade do trabalho retrata não apenas toda a maquinação individual e coletiva, subjetiva e objetiva na execução da atividade, mas também a atitude compassiva e empática dos trabalhadores em relação às famílias enlutadas. Isso sugere um ambiente de trabalho onde a sensibilidade e o respeito pelo luto são valores fundamentais, sobretudo observadas no processo de organização do trabalho como aponta Dejours (2015).

Nas análises das falas dos profissionais, observamos a adoção de mecanismos de enfrentamento destinados a lidar com as complexidades inerentes ao seu ofício. Ao longo do tempo, esses trabalhadores desenvolvem habilidades para minimizar os impactos emocionais associados aos riscos laborais, recorrendo a estratégias de eufemismo. Tais estratégias, tanto individuais quanto coletivas, são constantemente empregadas para manter a continuidade da atividade laboral e preservar o equilíbrio mental.

Contudo, durante a pandemia, observou-se uma revisão dessas estratégias, resultando em mudanças e até mesmo na abolição de algumas delas, uma vez que nem sempre se mostravam eficazes diante do contexto pandêmico desafiador enfrentado pela sociedade. Os sepultadores, de forma súbita, confrontaram-se com a urgência de readequar suas estratégias de enfrentamento, muitas vezes sem êxito ou eficácia.

Apesar das vulnerabilidades apresentadas, os profissionais entrevistados relataram sobre a satisfação e reconhecimento da sociedade sobre a importância do trabalho do sepultador, que, independentemente da pandemia, o trabalho era exercido com êxito e de forma empática com os familiares que estavam enlutados com o processo da morte.

A apreciação do contexto laboral dos sepultadores revela o uso da inteligência, do uso de regras de trabalho forjadas no coletivo, do modo ativo de se constituir na atividade, das atitudes proativas em buscar informações para se proteger, quando tudo era dúvida e o medo se apresentava mais real do que nunca. O desenvolver-se na atividade foi, assim, amparada em sua competência profissional, em seu saber/fazer estabelecido e renovado quando necessário, possibilitando-os a elaborar estratégias adaptativas para enfrentar os desafios da organização do trabalho e das condições de trabalho. Estas estratégias englobam não apenas a cooperação entre os próprios profissionais, mas também uma aguda percepção das contingências durante os rituais fúnebres, permitindo uma gestão inteligente dessas situações, visando garantir a segurança de todos os

Os depoimentos dos sepultadores, aliado à revisão bibliográfica, atesta o caráter fundamental de sua atuação na sociedade. Trata-se de uma categoria profissional frequentemente negligenciada, porém cujo trabalho desempenha um papel essencial na garantia de uma despedida digna diante do falecimento de entes queridos. Nesse sentido, torna-se indispensável reconhecer a relevância do trabalho

dos sepultadores, independentemente do tempo de pandemia, quando a alteração na forma de atender a demanda de corpos nos cemitérios não os impediu de continuar desempenhando sua missão com dedicação e comprometimento.

2.7 Referências

Antunes, R. (2013). *Os Sentidos do Trabalho*: Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. Coimbra: CES/Almedina, 2013.

Areosa, J. (2012). *O contributo das ciências sociais para a análise de acidentes maiores: dois modelos em confronto*. *Análise Social*, 558-584.

Bezerra, E. B. N. & Matos, L. R. P. (2020). Orientações aos agentes funerários e coveiros frente à Covid-19. In: Maxmiria, M. H.; Diógenes, S. S. & Barreira Filho, E. B. (orgs.) *Trabalho em tempos de Covid-19* [recurso eletrônico]: orientações para a saúde e segurança. Fortaleza: Imprensa Universitária, p.193-204.

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Recuperado de: <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Bendassolli, P. F., Da Rocha Falcão, J. T. (2013). Psicologia social do trabalho sujo: revendo conceitos e pensando em possibilidades teóricas para a agenda da psicologia nos contextos de trabalho. In: *Universitas Psychologica*, n. 12, v. 4, p. 1153-1166.

Borges, A. D. V. S., Silva, E. F. D., Mazer, S. M., Toniollo, P. B., Valle, E. R. M. D., & Santos, M. A. D. (2006). Percepção da morte pelo paciente oncológico ao longo do desenvolvimento. *Psicologia em estudo*, 11(2), 361-369.

Brasil. Ministério da Saúde. *Manejo de corpos no contexto do novo Coronavírus/Covid-19*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: Acesso em: 06/04/2024.

Brasil. Ministério do Trabalho. Classificação brasileira de ocupações. Brasília, 2005
 Brasil, Ministério da Saúde (2001). *Doenças relacionadas ao trabalho – Manual de Procedimentos para os Serviços de Saúde*. Brasília.

Brasil. Ministério do Trabalho e Emprego. *Classificação Brasileira De Ocupações*. 2002.

Carvalho, C, C. Rosa, I, G. Motoyama, E, P. Maeda, T, S. Cruza, G, C, Q, T, V. (2021). Cuidados Psicológicos à Trabalhadores do Serviço Funerário. *Aletheia*, v.54, n.1, p.113-119.

Costa, S. R. R. & Rodrigues, C. R. (2017). Estudo Qualitativo das condições de vida de trabalhadores de cemitério de Botucatu, cidade de médio porte do Estado de São Paulo, Brasil. *Investigação Qualitativa em Saúde*, 2(00), 1535-1540. Retirado de: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2017/article/view/1505>.

Dejours, C., Dessors, D., & Desriau, F. (1993). Por um trabalho, fator de equilíbrio. *Revista de Administração de empresas*, 33(3), 98-104.

Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). *Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho*. Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho. São Paulo: Atlas, 119-145.

Dejours, C. *O Fator Humano*. FGV Editora, 1997.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14 (3), 027-034. doi: 10.1590/S0103-65132004000300004

Dejours, C. (2004a). Addendum: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S.; Sznclwar, L. (Orgs.) *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (p.47-104). Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Editora Paralelo 15.

Dejours, C. (2004b). A metodologia em psicodinâmica do trabalho. In: S. Lancman & L. Sznelwar (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho* (p.125-150). Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Editora Paralelo 15.

Dejours, C. (2008). A metodologia em psicopatologia do trabalho. In S. Lancman, & L. I. Sznelwar, (orgs). *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Dejours, C. (2009). *Travail vivant: Travail et émancipation*. Paris: Payot.

Dejours, C. (2011). *A resistência em Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Lancman, S. & Sznelwar, L. I. (Orgs.). Brasília: Paralelo.

Dejours, C. (2012). *Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução*. Psicologia em Estudo, 17(3), 363-371.

Dejours, C. (2012). *Trabalho vivo: Trabalho e emancipação*. Tomo II. (F. Soudant, trad.). Brasília: Paralelo 15.

Iraha, I. S., Silva, S. C. & Paula, P. P. (2017). Sentidos do Trabalho dos Sepultadores: Um Estudo Exploratório. *Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 2(4), 304-319. Retirado de: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15260>

IBGE. *Cidades e Estados: População*. IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Panorama - Cidades PB, 2023c. Recuperado de <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/cidades/panorama>.

Fernandes, A. S. A; Tude, J. M. (2021) *A pandemia de Covid-19 no Brasil e o falso dilema economia x saúde*. 105 p. ISBN: 978-65-5630-269-0. EDUFBA, Salvador.

Ferreira, M. C., & Mendes, A. M. (2001). "Só de pensar em vir trabalhar, já fico de mau humor": atividade de atendimento ao público e prazer-sofrimento no trabalho. *Estudos de Psicologia* (Natal), 6(1), 93-104.

Flores, V. D. C., & Moura, E. P. G. de. (2018). Significados de trabalho, prazer e sofrimento no ofício de agentes funerários. *Revista Psicologia Organizações e Trabalho*, 18(1), 326-334. <https://dx.doi.org/10.17652/rpot/2018.1.13337>.

Fraga, B. M. O. (2015). Realidade laboral: a invisibilidade do trabalho nos cemitérios.

Lancman, S. Sznclwar, L. I. (2011). A subjetividade no trabalho em questão. *Tempo social*, 23(1), 11-30.

Lhulier, D. (2012). A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.13-38,2012.

Mendes, A. M., & Araújo, L. K. R. *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: Práticas Brasileiras*. Brasília: Ex Libris, 2011.

Maeno, M.; Paparelli, R. (2013) O trabalho como ele é e a saúde mental do trabalhador. In: Silveira, M. A. et al. (Orgs.). *Inovação para o Desenvolvimento de Organizações Sustentáveis: Trabalho, Fatores Psicossociais e Ambiente Saudável*. Campinas, SP: CTI (Centro de Tecnologia da Informação “Renato Archer”) [p.145-166].

Mattos, S. M. N. d. (2020). *Conversando sobre metodologia da pesquisa científica*. Editora Fi. <https://doi.org/10.22350/9786587340838>

Rodrigues, A. C. de A; Moscon, D. C. B; G. C. Queiroz & Silva, J. C. (2020).

Trabalhadores na pandemia: múltiplas realidades, múltiplos vínculos. In: Moraes, M. M. (Org). *Os impactos da pandemia para o trabalhador e suas relações com o trabalho* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Artmed, p.1-14.

Silva, J, M, R. (2018). *Sepulta-a-dor: reflexões sobre os possíveis efeitos do trabalho como coveiro*. V.1. p. 3-30, Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-PB, Brasil.

Soares, E, R, O. (2018). *Um olhar voltado para os coveiros – trabalhadores Invisíveis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Mato Grosso, UFMG-MG, Brasil.

Zelenovic, C. C. C. M. (2008). *Representações e emoções de coveiros portugueses face à morte*. Dissertação (Mestrado). Universidade Fernando Pessoa, Porto.

3 ARTIGO 2 – CONDIÇÕES DE TRABALHO NOS SERVIÇOS FUNERÁRIOS E PERCEPÇÃO DOS SEPULTADORES SOBRE O SEU TRABALHO DURANTE O PERÍODO DE PANDEMIA DE COVID-19

Resumo

Com o advento da pandemia causada pela Covid-19, muitas transformações foram observadas em todo mundo. No tocante aos sepultadores, essas transformações também foram observadas. Neste período além das condições de trabalho já tradicionais deste tipo de trabalho, somaram-se os riscos biológicos advindos do vírus sar-cov2, podendo levar ao acometimento da Covid-19 nos sepultadores. Diante do exposto este artigo tem como objetivo compreender as condições de trabalho dos sepultadores no período da pandemia e como eles fizeram para se defender contra os fatores de riscos do trabalho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. A pesquisa foi realizada em três cidades do interior da Paraíba. Para a coleta dos dados foi utilizado o questionário sociodemográfico, e entrevista semiestruturada individual que teve como objetivo compreender os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. Os dados obtidos mostraram que os fatores de riscos biológicos foram bastante referenciados nas falas dos sepultadores e que estes buscaram formas para se proteger contra os mesmos. Os resultados evidenciaram a elaboração de estratégias de defesa coletivas permitindo que os trabalhadores enfrentem as dificuldades inerentes ao seu ofício sem expressar abertamente o medo ou o sofrimento associado a essas situações de riscos reais. Assim, os trabalhadores encetaram modos específicos de enfrentar os constrangimentos do trabalho. Verificou-se ainda que os trabalhadores, mesmo diante de condições adversas sentem-se satisfeitos com seu trabalho e reconhecidos pelo trabalho fundamental que realizam.

Palavras-chave: Trabalho sujo, Fatores de risco, Relevância e Condições de trabalho.

3.1 Introdução

Com o advento da pandemia causada pela Covid-19, muitas transformações foram observadas em todo mundo nos mais diversos âmbitos da sociabilidade humana, dentre eles inclui-se o trabalho. Os mais diversos ramos produtivos foram afetados, tendo grande parte dos trabalhadores que trabalhar em home office. Entretanto, outra parte, em face das características do trabalho, não pode deixar de trabalhar de forma presencial. Neste grupo se contavam os sepultadores, que também passaram por essas transformações. Embora seu trabalho seja muitas vezes considerado invisível socialmente, os sepultadores continuaram a exercer seu ofício cotidianamente, com a presença dos fatores de risco já inerentes a sua profissão, mas acentuado com o risco de contágio pelo coronavírus.

Nesse sentido, a pandemia amplificou a precarização do trabalho e abriu espaço para novos sofrimentos psicossociais. Ao discutir “saúde mental e trabalho”, Oliveira e Ribeiro (2021) destacam grupos profissionais que vivenciaram situações difíceis de se enfrentar deflagradas pela pandemia, como os professores, forçados a se moverem da atividade presencial clássica à educação a distância. Enfrentar as crises que transcendem a dimensão sanitária e repercutem na dimensão do trabalho envolve considerar as experiências individuais, mas também a dinâmica do coletivo em relação a estas vivências. Assim, são lembrados os “médicos”, “enfermeiros”, “sepultadores” e “policiais”, que, considerados serviços essenciais, vivenciaram crises das mais diversas ordens.

Alguns dos principais fatores de riscos que podem ser encontrados no trabalho dos sepultadores incluem: fatores de riscos biológicos, incluindo doenças infecciosas, como a Covid-19, e outros fatores relacionadas ao contato com restos mortais, podendo levar a problemas respiratórios e dermatites, assim como fatores de risco pertinentes ao excesso de carga física, uma vez que o trabalho de sepultamento envolve o corpo por inteiro, bem como posturas físicas intensas, como cavar valas, carregar caixões e movimentar os restos mortais, o que pode levar a lesões musculoesqueléticas (Souza et al, 2019).

Em consonância com os fatores de risco, é observado ainda, que o sepultador exerce um trabalho que é considerado sujo, em decorrência de todos os aspectos que estão ligados a morte. Monteiro et al, (2017), afirmam que particularmente, o conceito de trabalho sujo diz respeito àquelas ocupações tidas como depreciadas, estigmatizadas e desprovidas de prestígio e visibilidade social, por desempenharem

tarefas vistas como nojentas e depreciativas perante a sociedade. Ainda segundo estes mesmos autores, também podem ser citados aqueles que exercem atividades diretamente relacionadas à morte como, por exemplo, os sepultadores e os agentes funerários.

De acordo com Lhuillier (2014), o trabalho sujo consiste na divisão moral e psicológica do trabalho, na qual, em decorrência disso, o trabalho é desvalorizado e estigmatizado. Ainda segundo essa autora, as profissões que são consideradas pertencentes ao trabalho sujo consistem naquelas que estão na parte inferior da escala moral do trabalho, estando elas remetidas a tarefas física ou simbolicamente humilhantes, degradantes e sujas.

Além disso, conforme Hughes (1958, p. 122), trabalho sujo também pode ser entendido como ocupações estigmatizadas que são “física, social e moralmente manchadas”. Segundo Goffman (1988), o termo estigma é um atributo depreciativo, deteriorado, uma marca ou sinal que uma pessoa tenha e que conseqüentemente a faça ser vista pela sociedade como diferente, incapaz e desvalorizada perante as pessoas normais e comuns. Nesse sentido, há atributos que são considerados comuns e naturais, sendo esses necessários para que as pessoas façam parte de um grupo, e aquelas que não possuem esses atributos passam a ser questionadas e a sofrer preconceitos por parte da sociedade. Além do mais, de acordo com Souza e Carrieri (2015, p. 4, tradução nossa), “o estigma pode assumir diferentes formas, como raça, profissão, orientação sexual, religião, entre outros”.

A partir disso, é possível apontar os fatores de riscos ocupacionais presentes no ambiente laboral, que podem comprometer consideravelmente a saúde e a segurança dos trabalhadores. Assim, em seu ambiente de trabalho, os trabalhadores poderão estar expostos aos agentes ambientais (físicos, químicos e biológicos), aos riscos de acidentes, aos riscos psicossociais em que o desgaste emocional é relevante e às condições ergonômicas inadequadas durante a realização das atividades que envolvem diretamente esses agentes, ou indiretamente pelo contato acidental por contaminação (Mendes, 2007 apud Alves, 2015).

De acordo com o Centro de Estudos da Metrópole da Universidade de São Paulo (CEM/USP, 2020), em uma pesquisa realizada com os sepultadores em São Paulo durante a pandemia de Covid-19, aponta para alguns aspectos importantes. A pesquisa, intitulada “Vida e Morte: o trabalho dos sepultadores em tempos de Covid-19”, teve como objetivo compreender como o trabalho dos sepultadores foi afetado

pela pandemia e como esses trabalhadores estão lidando com os desafios impostos pela crise sanitária.

O estudo mostrou que os sepultadores tiveram um aumento significativo de demanda de trabalho durante a pandemia, e que isso gerou um impacto negativo na saúde mental dos profissionais. A pesquisa também indicou que muitos sepultadores não receberam equipamentos de proteção individual adequados, o que aumentou o risco de contágio pelo coronavírus.

O objetivo desse artigo é de compreender os principais desafios enfrentados no ambiente de trabalho, além de avaliar a percepção dos trabalhadores sobre a importância de seu papel na sociedade.

3.2 Método

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Adota-se uma abordagem qualitativa, uma vez que busca compreender os fenômenos a partir das experiências subjetivas dos trabalhadores, além de analisar a organização do trabalho e seus impactos na saúde mental (Lancman & Sznclwar, 2011).

A Pesquisa foi realizada em três cidades do interior da Paraíba, que ocorreu no período de junho a outubro de 2023 com encontros presenciais, nos cemitérios das cidades, em horário previamente combinado com os participantes. O estudo foi conduzido com seis sepultadores provenientes das cidades escolhidas empregando a técnica da amostragem intencional para a seleção dos participantes. Os critérios de inclusão adotados abrangiam sepultadores com experiência mínima de serviço, seja em regime efetivo ou contratual. Por outro lado, os critérios de exclusão excluíram aqueles sepultadores que foram contratados após o relaxamento das medidas de combate a pandemia de Covid-19.

Para a coleta dos dados foi utilizado o questionário sociodemográfico, que dividido em três partes, forneceu dados referentes a caracterização, profissão e saúde. Utilizou-se ainda a entrevista semiestruturada individual que teve como objetivo compreender os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. Esse procedimento de análise permitiu apreender nos discursos dos participantes os sentidos e os significados, aproximando da dimensão subjetiva de cada sujeito, através de perguntas. Além dos instrumentos já mencionados, outra forma que também foi utilizada para a coleta de dados, foi a

observação de campo que proporcionou a dos elementos mais relevantes como os aspectos do espaço de trabalho, utensílios de trabalho utilizados, tipos equipamentos de proteção individual e coletivo usados, tarefas executadas, entre outros. Estas observações puderam permitir mostrar as especificidades do cemitério de cada município possibilitando a diferenciação e comparação entre os mesmos.

Os dados quantitativos obtidos através do questionário sociodemográfico foram analisados, observando categoricamente as características de cada participante. Por outro lado, o conteúdo da entrevista semiestruturada individual foi analisado através da análise de conteúdo do tipo categorial proposta por Bardin (2016), que consiste na categorização dos elementos relevantes da pesquisa. Esse processo ocasionou a construção de três categorias a qual esse artigo está dividido, sendo eles: Condições de trabalho dos sepultadores: a luta contra os riscos do trabalho, O trabalho do sepultador: invisibilidade, preconceito e a percepção do sepultador e Consciência da Relevância do Trabalho. A pesquisa seguiu todos os pressupostos éticos em pesquisa com seres humanos, tendo seu projeto devidamente aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) (CAEE: 70881123.2.0000.5187), número do parecer de aprovação: 6.237.694.

3.3 Resultados e Discussões

3.3.1 Condições de trabalho dos sepultadores: a luta contra os riscos do trabalho

No processo de trabalho qualquer trabalhador possui uma tarefa predeterminada para realizar, utiliza meios de trabalho para sua ação, age sobre uma matéria determinada que vai ser transformada em produto final. O modo como lida com este conjunto de elementos do processo de trabalho pode trazer consequências diversas sobre a vida do trabalhador. No ambiente de trabalho, os trabalhadores estão submetidos a organização do trabalho, que determina a divisão de tarefas e a divisão de homens, bem como as condições de trabalho que são os aspectos externos do trabalho. O modo como a organização do trabalho se estabelece pode influenciar na vida física e mental do trabalhador, já as condições de trabalho, que depende de cada setor da economia, tendo cada ramo produtivo um conjunto de riscos, caso não

estejam adequadamente controladas e protegidas podem afetar a realização do trabalho e a saúde dos trabalhadores. Neste sentido, toda uma legislação de saúde e segurança do trabalho foi desenvolvida para que em cada tipo de ocupação sejam previstos os riscos e as medidas de proteção previstas antecipadamente. As normas regulamentadoras (NR) são disposições normativas que fazem parte da Consolidação das Leis do Trabalho, ou seja, conjunto de normas que buscam proteger os direitos dos trabalhadores e estabelecer os deveres dos empregadores.

A Norma Regulamentadora Nº 9 (NR-9) – Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), que trata dos riscos ambientais, conceitua que estes podem ser físicos, químicos ou biológicos presentes no local de trabalho. Estes são capazes de causar danos à saúde ou à integridade física do trabalhador, em função da sua natureza, concentração, intensidade e tempo de exposição (BRASIL, 2017).

Como já abordamos mais acima o conjunto de elementos de risco presentes no ambiente de trabalho constitui o que é chamado de condições de trabalho, uma parte intrínseca das situações laborais. Conforme abordado por Dejours (1992), as condições de trabalho englobam os aspectos do ambiente laboral em termos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos. Segundo este autor se referindo aos riscos: “esses malefícios irreduzíveis e inerentes à tarefa, além dos efeitos diretos produzidos sobre o corpo, apresentam incidências indiretas sobre o funcionamento psíquico” (Dejours, 2012, p.60). Para enfrentar as situações de risco e conjurar o medo dos acidentes os trabalhadores constroem e implementam estratégias de defesa (Dejours, 2012). No âmbito da pesquisa realizada com os sepultadores nas três cidades do interior da Paraíba ficou evidenciado que estes trabalhadores estão expostos diariamente a diversos fatores de risco. A seguir expomos a tabela 1 que apresenta os principais riscos presentes no trabalho dos sepultadores.

Tabela 1 – Fatores de risco da profissão do sepultador

Riscos	Causa	Consequência	Recomendações
Químico	Contato com cal, cimento e rejuntas; Poeiras.	Alergias, irritações nos olhos; dermatoses; Doença respiratórias	Utilização de EPI como: Luvas, máscaras e vestimentas adequadas

Físico	Exposição à radiação não ionizante (sol)	Desidratação; queimadura; insolação; fadiga; Câncer de pele	Utilização de EPI como: protetor solar e boné com proteção de pescoço; paradas de descanso
Biológico	Parasitas, protozoários, fungos, bactérias, vírus, bacilos	Doenças infectocontagiosas; Infecções variadas;	Utilização de EPI como: bota, vestimenta de segurança (blusas de mangas longas e calça comprida) e luvas descartáveis; treinamentos sobre higiene pessoal
Ergonômicos	Esforço físico intenso; levantamento e transporte manual de peso; postura inadequada; esforço repetitivo	Dores musculares; Hérnia; Lombalgia/ Entorse / Torcicolos; problemas na coluna; problemas circulatórios/ surgimento de varizes; Dort ou LER	Fazer pequenas pausas e alongamentos durante o expediente; pedir ajuda para levantar objetos pesados; utilizar carrinho de mão para auxiliar no transporte de objetos/ materiais pesados
Acidente	Projeção de partículas; Ferramentas inadequadas ou defeituosas; Queda do mesmo nível ou diferentes níveis; Queda de materiais e objetos; Corte/ lacerações e perfurações; picadas de animais peçonhentos	Lesão oculares e faciais; Traumas locais: escoriações, cortes/ lacerações e perfurações; Morte	Utilização de EPI como: óculos de proteção, bota, vestimenta adequada; prestar atenção ao manipular ferramentas pontiagudas, verificar as ferramentas antes do início das atividades e não improvisar; manter ambiente de trabalho organizado
Psicossociais	Sobrecarga de trabalho; falta de autonomia, ambiente de trabalho	Prejuízo na saúde mental e física; Baixa produtividade; Clima	Promoção de um ambiente de trabalho saudável; Gestão adequada de carga de

conflituoso; falta de reconhecimento; Jornadas extensas; insegurança no emprego;	organizacional disfuncional; impacto nas relações interpessoais.	trabalho; aumento da autonomia e participação; Reconhecimento e valorização do trabalho;
--	--	--

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Portanto, como demonstrado na tabela acima a ocupação de sepultador se constitui de um conjunto de fatores de risco que podem afetar a saúde física e mental dos trabalhadores. De acordo com Farina *et al.* (2009) os sepultadores enfrentam uma ocupação caracterizada por diversas cargas: físicas (envolvendo trabalho extenuante, exposição a odores desagradáveis e perigo de contaminação), psicológicas (envolvendo experiências de dor, sofrimento e emoções intensas, tanto por parte dos trabalhadores quanto das famílias enlutadas). Esses fatores representam riscos tanto para os profissionais quanto para seus familiares.

A partir das observações do trabalho realizadas diretamente nos cemitérios das três cidades, da aplicação dos questionários e com as entrevistas com os sepultadores foi possível elencar um conjunto de fatores de risco inerentes ao meio ambiente de trabalho. Os dados contidos na tabela 2, apontam para a identificação pelos próprios sepultadores dos fatores de riscos do trabalho vivenciados por eles ao longo de sua jornada de trabalho.

Tabela 2 – Identificação pessoal dos fatores de risco

IDENTIFICAÇÃO	FATORES DE RISCO					
	Químico	Físico	Biológico	Ergonômico	Psicológico	Acidental
Sepultador 1	X	X	X			X
Sepultador 2	X	X	X	X	X	X
Sepultador 3		X	X	X	X	X
Sepultador 4	X	X		X	X	X
Sepultador 5		X		X	X	X
Sepultador 6					X	X

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

Diante dos elementos apontados nas tabelas, é possível verificar alguns aspectos importantes que mostram a presença dos riscos no trabalho. As narrativas fornecidas pelos trabalhadores, como também a observação do trabalho, oferecem um vislumbre desses desafios e das estratégias adotadas para mitigar os riscos

associados ao seu trabalho. Neste contexto, é fundamental analisar a maneira como os sepultadores lidam com essas questões e como buscam proteger-se enquanto realizam suas atividades laborais.

Os dados da tabela 2 mostram que para quase a maioria dos sepultadores os fatores de risco físicos, psicológicos e de acidentes são aqueles que mais se apresentam no meio do trabalho, ficando o ergonômico com menos citação. Entretanto, somente parte dos entrevistados se referiram aos fatores de risco químico e biológicos no meio do trabalho, lembrando que a pesquisa questionava sobre a presença destes riscos, principalmente, durante a pandemia. Chama atenção o risco biológico não ter sido apontado por todos, já que no período inquirido o principal fator de risco do trabalho para a população em geral e, em especial para trabalhadores que tiveram de continuar trabalho presencialmente, como é o caso dos sepultadores, foi o vírus sars-cov2.

Quando analisamos as falas dos sepultadores sobre os fatores de risco a que estavam expostos é possível observar citação da presença de diversos riscos ocupacionais em seu ambiente laboral, destacando-se a exposição a condições físicas adversas, como “calor excessivo e presença de poeira”. Por outro lado, os riscos biológicos foram bastante citados nas entrevistas, embora somente três tenham apontado este dado na entrevista.

Os problemas mais frequentes, é a quentura. É a poeira, cobra, escorpião, aranha tudo isso é coisa que de vez enquanto perturba a gente (SP2).

Eu me protejo. Como fungos, picada de escorpião, de cobra que tem nas nas ossadas do povo. A gente se protege com luva, álcool. É raro o resto mortal que não tem. É por isso que os 40% de salubridade é obrigatório. Já cheguei a ser picado por escorpião, já (SP3).

Mas é uma máscara, é bota, de calça, essas coisas (SP6).

As falas dos sepultadores, destacam a importância ao uso de equipamentos de proteção individual (EPIs) durante suas atividades laborais. Ao mencionarem o uso de itens como botas, luvas, bonés e máscaras, os trabalhadores demonstram uma consciência aguçada dos riscos associados ao seu trabalho, seja antes, durante ou após o período pandêmico, assim como a necessidade de adotar medidas de proteção adequadas para garantir sua segurança e saúde ocupacional.

Nesse contexto, conforme destacado por Dejours (2012), "Ao realizar suas atividades laborais, o trabalhador não está somente envolvido na produção, mas também na autoproteção contra os riscos inerentes ao trabalho" (p. 61). Os sepultadores desempenham uma função que envolve o manejo de cadáveres, a manipulação de objetos relacionados ao corpo sem vida e o tratamento de restos mortais, atividades que representam desafios emocionais e psicológicos significativos. Como evidenciado anteriormente, o trabalho dos sepultadores apresenta uma variedade de riscos à saúde. Para enfrentar esses desafios sem sucumbir aos impactos negativos em sua saúde mental, os sepultadores desenvolvem estratégias de defesa coletiva. Essas estratégias servem como mecanismo de proteção psicológica, permitindo que os trabalhadores enfrentem as dificuldades inerentes ao seu ofício sem expressar abertamente o medo ou o sofrimento associado a essas situações, como observado antes da pandemia.

Assim, com base nos princípios da Psicodinâmica do Trabalho, podemos afirmar que a emergência do sofrimento laboral agravado pela pandemia do novo Coronavírus impulsiona os sepultadores a adotarem proativamente estratégias de defesa tanto individuais quanto coletivas, resultando na reavaliação de sua percepção dos riscos associados e na modificação de suas práticas mediante a implementação de medidas preventivas (Santos, 2021).

A preocupação com a proteção individual é mencionada como uma estratégia adotada pelos trabalhadores, que relatam o "uso de equipamentos de proteção, como luvas e álcool", para minimizar esses riscos. No entanto, apesar desses esforços, ainda ocorrem incidentes, como "picadas de escorpião", ilustrando a persistência dos desafios enfrentados pelos sepultadores no que tange à segurança e saúde ocupacional. Essa vivência aponta para as colaborações de Dejours (1998), quando afirma que as exigências do trabalho e da vida são uma ameaça ao próprio trabalhador, elevando os riscos de sofrimento.

Claro. Tanto os riscos físicos quanto os químicos e biológicos. Os riscos físicos, como eu trabalho com ferramentas amoladas é você estar sempre de bota de segurança para não se machucar estar sempre com a calça grossa que a gente trabalha a questão também de se proteger do sol, protetor solar, um chapéu dos riscos biológicos, a gente sempre trabalha com máscara, quando eu vou fazer tanto sepultamento, quando eu vou cavar as covas, com máscara, com luva geralmente a máscara com filtro, a luva, a bota de borracha, a bota de borracha porque a bota de segurança é mais para risco físico, mas

para biológico ela pode penetrar, entendeu? Os vírus, as bactérias podem penetrar então a bota de borracha é a nossa segurança (SP5).

Ao mencionar a utilização de botas de segurança, calças grossas, protetor solar e chapéus para se proteger dos riscos físicos, como ferimentos causados por ferramentas amoladas e exposição ao sol, o sepultador demonstra uma abordagem proativa na prevenção de acidentes ocupacionais.

Além disso, ao mencionar a importância da máscara e das luvas durante o sepultamento e a escavação de covas, o trabalhador ressalta a preocupação em se proteger contra os potenciais perigos biológicos, como vírus e bactérias, presentes no ambiente de trabalho. Essas condições têm um impacto direto sobre o corpo do trabalhador, podendo levar a desgaste e doenças somáticas, tanto de forma direta quanto indireta (Dejours, 1994). A distinção entre as botas de segurança e as botas de borracha destaca a consideração dos sepultadores sobre os requisitos específicos de proteção necessários para cada tipo de risco, demonstrando um enfoque criterioso na adoção de medidas de segurança.

A presença frequente na fala dos trabalhadores em relação ao uso dos EPIs demonstra a preocupação com a possibilidade de contaminação pelo coronavírus, já que eles estão falando como agiam durante a pandemia. O cenário pandêmico revelou um aspecto inusitado em relação as estratégias de defesa coletivas, já que os constrangimentos do trabalho pelo risco biológico eram bastante evidentes, sendo assim um dado do real do trabalho, que os sepultadores tiveram que enfrentar. Deste modo, as estratégias de defesa em relação a negação da presença dos riscos do trabalho foram trocadas pela insistência em falar da sua presença no meio do trabalho, realçando a importância dos EPIs e seu uso, na busca de se proteger. Portanto, a ameaça da possibilidade de ficar contaminado fez com individual e coletivamente os sepultadores buscassem informações sobre os EPIs e cobrassem a sua disponibilização pelas prefeituras. Usaram da sua inteligência para lidar com as situações de convivências com familiares e corpos contaminados. O que realça aqui é que os sepultadores tiveram uma ação ativa frente aos riscos, no sentido de não os negar, pois o mesmo estava evidente e a possibilidade de ficar doente era clara, portanto, enfrentando-os individual e coletivamente.

No contexto das questões relacionadas aos riscos laborais, Dejours (2012) destaca que estes estão presentes em diversas categorias de ocupações e muitas

vezes não são completamente controlados em sua totalidade. Isso significa que alguns riscos não podem ser eliminados por completo do ambiente de trabalho. Conforme o autor, "essas adversidades intrínsecas e inevitáveis à atividade, além de afetarem diretamente o corpo, também exercem impactos indiretos sobre o funcionamento psicológico" (p. 60).

Outro aspecto que surgiu a partir dos discursos dos sepultadores foram os fatores de riscos relacionados as condições de clima e a estrutura. Podemos ver a partir da fala do sepultador 5:

(...) Lá eu não tenho água encanada e eu preciso de água encanada, né? Até pra quando termino de fazer o serviço, fazer a higienização, né? Foi uma das coisas, água encanada, banheiro, problema também com locais pra colocar ferramenta que eu não tenho, isso é uma das coisas que eu enfrento (...) (SP5).

A citação em questão destaca as condições adversas enfrentadas pelos sepultadores, trazendo à tona questões relacionadas à infraestrutura e ao ambiente de trabalho. Esses aspectos, muitas vezes negligenciados, desempenham um papel fundamental no bem-estar e na saúde dos trabalhadores, além de influenciarem diretamente sua produtividade e segurança no exercício de suas funções. Neste contexto, a falta de acesso a recursos básicos, como água encanada e instalações adequadas para o armazenamento de ferramentas, pode criar obstáculos significativos para a realização eficiente e segura das atividades.

Diante disso, vale destacar que a situação dos cemitérios de pequeno porte como os tratados na pesquisa, existe, em teoria, um controle maior dos órgãos de gestão, de modo a favorecer a proximidade entre o trabalhador e a gestão, todavia, na observação *in loco* a prática se distancia do que se propõe, como cita o "SP5" na sua fala supramencionada.

Essa questão, nos leva a pensar sobre os benefícios que o trabalhador alcança, a nível de produtividade, ação e proteção, quando se tem o mínimo para o conforto ao longo de sua atividade, como propõe a Norma Regulamentadora Nº 17 (NR-17), que estabelece parâmetros que permitem adequar as condições de trabalho às características físicas e psicológicas dos colaboradores, visando proporcionar o máximo de conforto, segurança e desempenho eficiente durante o expediente de trabalho. Além das condições gerais do ambiente de trabalho como, por exemplo,

iluminação e temperatura, agentes que podem influenciar no comportamento dos trabalhadores (Brasil, 2018; Mattos; Másculo, 2011).

Dentro dessa perspectiva, por mais que sejam pequenos os cemitérios, a realidade de enfrentar dificuldades quanto a infraestrutura está na vivência diária dos sepultadores, acentuando os riscos e provocando uma precarização sob um trabalhador que, dentro dos fatores de riscos já discutidos, ainda vivenciam tal situação. Viver em ambientes como estes pressupõe trabalhadores dispostos a cotidianamente enfrentar os constrangimentos e variabilidades do trabalho, fazendo uso assim de astúcia e engenhosidade para criar saídas para condições adversas (Dejours, 2004).

3.3.2 O trabalho do sepultador: invisibilidade, preconceito e a percepção do sepultador

O trabalho do sepultador, apesar de sua importância vital para a sociedade, muitas vezes permanece obscurecido e pouco reconhecido. Esta profissão, essencial para a manutenção da ordem pública e para o respeito aos mortos e seus familiares, frequentemente é estigmatizada e marginalizada. No tocante a invisibilidade social do trabalho, Silva (2018) aponta em seus estudos que essa situação para com o sepultador é exacerbada pela falta de visibilidade no espaço público e pela ausência de representação nos discursos dominantes sobre o mundo do trabalho.

A invisibilidade do trabalho do sepultador está intrinsecamente ligada ao tabu cultural que envolve a morte e os rituais funerários. Em muitas sociedades, discutir abertamente o trabalho relacionado à morte é considerado tabu, o que contribui para a marginalização e o preconceito enfrentados pelos sepultadores. Ao longo da história, a maneira pela qual a sociedade ocidental aborda o conceito de morte tem passado por mudanças significativas. Segundo Combinato e Queiroz (2009), durante a Idade Média, a morte era encarada como uma ocorrência natural e integrante da vida social. Contudo, com o advento da Modernidade, houve uma alteração gradual na percepção da morte, resultando em um distanciamento progressivo dos mortos em relação à sociedade. Especificamente com o avanço do sistema capitalista, o corpo humano foi gradativamente instrumentalizado como um recurso de produção. Nesse contexto, a morte passou a ser associada ao fracasso, à improdutividade e à impotência.

Além disso, a falta de reconhecimento institucional e social da importância do trabalho do sepultador pode levar a uma percepção negativa da profissão, muitas vezes associada à morbidez e à degradação. Outros elementos que contribuem para o sofrimento do sepultador incluem a invisibilidade social e o preconceito. Estudos conduzidos por diversos autores que se debruçaram sobre profissionais inseridos na mesma categoria de ocupação (CBO) revelaram que esses trabalhadores enfrentam estigmatização devido à natureza de suas atividades, que envolvem questões relacionadas à morte e são percebidas como suscetíveis a riscos de contágio (Iraha, Silva e Paula, 2017).

Os sepultadores frequentemente enfrentam preconceitos e estereótipos associados ao seu trabalho. A natureza do trabalho, lidando com a morte e a decomposição, pode resultar em estigmas sociais e discriminação. Muitas vezes, são vistos como pessoas sombrias ou mórbidas, o que pode afetar negativamente sua autoestima e bem-estar psicológico. Isso está correlacionado com a representação social que a profissão possui sobre a morte, um evento intrínseco à condição humana, mas que muitas vezes é encarado como um tabu, sendo silenciado e negado em diversos contextos sociais, como indicado por Rodrigues (2006).

Nesse contexto, ao conferirem significado à sua ocupação como algo crucial e fundamental para o bem, os profissionais conseguem reconhecer a importância de seu labor, o que lhes permite enfrentar suas atividades em um período pandêmico, marcado pelo risco de contágio e pela marginalização social (Bezerra & Silva, 2023).

Apesar de todo este contexto de desvalorização e situações de trabalho que produzem sofrimento os sepultadores encontram elementos positivos que os fazem sentir satisfação pelo que fazem e algum reconhecimento. Alguns dos sepultadores entrevistados justificam sentir satisfação no trabalho porque gostam do que fazem.

Mas claro que eu gosto do que eu faço sabe? [...] Eles dizem que eu sou uma pessoa pontual uma pessoa que sempre está disponível para ajudar (SP5).

A fala do sepultador evidencia aspectos relacionados à valorização e satisfação com a profissão do sepultador. O sepultador expressa sua satisfação e orgulho em relação ao seu trabalho ao mencionar que é considerado uma pessoa pontual e sempre disponível para ajudar. Isso sugere uma identificação positiva com as responsabilidades e expectativas inerentes à sua ocupação.

A percepção de ser reconhecido e elogiado por suas habilidades e dedicação contribui para fortalecer sua autoestima e motivação, elementos essenciais para o enfrentamento das demandas e desafios do trabalho, especialmente em um contexto tão delicado como o do sepultamento. Além disso, a valorização externa pode também servir como um fator protetor contra possíveis estressores laborais, ajudando a mitigar os efeitos negativos do trabalho sobre a saúde mental do indivíduo.

Os sepultadores, ainda, justificam a satisfação pelo seu trabalho pela boa relação que mantém com seus colegas de trabalho e com os administradores dos cemitérios. Os sepultadores, também, referiram o reconhecimento do trabalho pelos colegas de trabalho e a gerência do cemitério e até mesmo em raros momentos de reconhecimento do público.

Sinto sim, muita gente da administração, coordenação e algumas pessoas elogiam meu trabalho (SP1).

Diante disso, podemos mencionar o que diz Dejours (2004) que assim que o trabalho efetivo acede à visibilidade, então, aí, o reconhecimento se torna possível. Reconhecimento que passa por julgamentos sobre o fazer, sobre o trabalhar, e não sobre a pessoa daquele que trabalha.

“Hoje sim mas de um certo tempo ai pra trás não. [...] foi através da população que vem me procura eu faço pra eles” (SP2).

“As pessoas que... Agradece dá obrigado tudo sai satisfeito graças a Deus pelo meu trabalho” (SP4).

As citações destacam a importância do reconhecimento pela comunidade e do orgulho pessoal na experiência dos sepultadores, aspectos que podem ser observados pela afirmação de Dejours (2004) que o reconhecimento implica o julgamento dos pares, que só é possível caso exista um coletivo ou uma comunidade de pares. Assim, o coletivo aparece como um elo de suma importância e o ponto sensível da dinâmica intersubjetiva da identidade [...]. (Dejours, 2004, p. 75).

O reconhecimento pela comunidade, conforme expresso pelo sepultador 2, é crucial para a construção da identidade profissional e para a percepção de valorização social do trabalho desempenhado. O fato de ser procurado pela população e de poder atender às suas demandas contribui para a legitimação e visibilidade do papel do

sepultador na comunidade. Isso pode fortalecer sua autoestima e senso de pertencimento, influenciando positivamente sua motivação e bem-estar no trabalho.

Por outro lado, o sepultador 4 destaca o orgulho e reconhecimento pessoal derivados do feedback positivo recebido dos clientes. Essa validação externa de sua competência e dedicação alimenta sua autoconfiança e senso de realização pessoal, elementos que são essenciais para a construção de uma identidade profissional sólida e para o enfrentamento dos desafios do cotidiano laboral.

De acordo com Iraha, Silva e Paula (2017), o reconhecimento é uma retribuição de natureza simbólica esperada pelo sujeito devido a sua contribuição em superar os desafios do trabalho. Essa retribuição passa pela reconstrução dos julgamentos relacionados ao trabalho realizado. São eles o julgamento de utilidade e o de estética. O julgamento de utilidade está relacionado a linha hierárquica dentro da organização (chefes e subordinados), que envolve a contribuição de utilidade econômica, técnica e social que o trabalhador proporciona aos chefes. Enquanto o julgamento de estética está relacionado aos colegas e membros da mesma equipe, que envolve regras do ofício. O reconhecimento pode levar o sujeito ao sentido de realização de si mesmo e de suas expectativas. Se não houver reconhecimento “os indivíduos engajam-se em estratégias defensivas para evitar a doença mental, com sérias consequências para a organização do trabalho, que corre o risco de paralisia” (Dejours, 2004, p. 77).

O reconhecimento do trabalho se afirma ainda entre estes trabalhadores pelo amor que dedicam ao trabalho e pela sensação de realização na profissão:

“Amo meu trabalho. [...] Pra um benefício que eu tô fazendo pra família pra os corpos que nós tamo enterrando” (SP4).

“Por enquanto eu não trocaria de profissão não. Dos trabalhos que eu sei fazer, esse é o melhor. Eu não escolheria não” (SP1).

“Eu queria de coveiro. De novo. Outro coveiro novamente. Queria ser coveiro de novo” (SP4).

A percepção e satisfação pelo trabalho, presentes nas falas dos sepultadores destacam o afeto e a identificação com sua profissão. O sepultador 4 expressa um profundo senso de propósito em seu trabalho, associando-o a um ato benevolente em benefício das famílias e dos falecidos. Essa conexão emocional com a função desempenhada reflete uma fonte de significado e gratificação intrínseca, elementos

essenciais para a motivação e o bem-estar no trabalho. No tocante a isso, Dejours (2008) afirma que essa satisfação perpassa pelo elemento da organização do trabalho, de modo que é capaz também de despertar estratégias de prazer e satisfação.

Da mesma forma, o sepultador 1 ressalta a valorização de sua ocupação, destacando-a como a melhor dentre as alternativas conhecidas. Esse reconhecimento subjetivo da qualidade de seu trabalho e das características positivas de sua profissão sugere uma elevada satisfação no trabalho, influenciada por fatores como autonomia, identificação com a função e senso de realização pessoal (França e Mota, 2021).

Por fim, o desejo expresso pelo sepultador 4 de retornar à mesma profissão reforça a importância do trabalho como fonte de identidade e realização. Essa manifestação de vontade indica uma forte ligação afetiva com a atividade laboral, mesmo diante dos desafios e adversidades enfrentados no dia a dia. Corroborando com o entendimento de Dejours, Hackman e Oldham (apud Morin, 2001, p. 10) quando apresentam: “Três estados psicológicos teriam um impacto na motivação e na satisfação de uma pessoa no seu trabalho: o sentido que uma pessoa encontra na função exercida, o sentimento de responsabilidade que ela vivencia em relação aos resultados obtidos e o conhecimento de seu desempenho no trabalho. Para Hackman e Oldham, um trabalho tem sentido para uma pessoa quando ela o acha importante, útil e legítimo”.

3.4 Consciência da relevância do trabalho

Os sepultadores explicitaram em suas falas a consciência da relevância do seu trabalho. Embora estejam em um contexto de cemitério de pequeno porte, os sepultadores apontam a importância de sua profissão para a manutenção da limpeza, pelo fato de enterrar os corpos, assim como também relevante contribuição social, sendo para eles inclusive indispensável. São essas as falas que surgem:

“Acho ele muito importante. Um trabalho muito importante para a cidade. Imagine aí se não existisse o coveiro né?” (SP6).

“Ele é muito importante tanto que na ... Não sei se tu já acho que sim. Na época da peste não sei se foi da gripe espanhola os coveiros fizeram uma greve e os corpos começaram a amontoar” (SP3).

“Não é importante pra mim também que eu trabalho pra isso né recebo pra isso. E pra o povo em geral né que precisa também né?” (SP6).

No primeiro depoimento, o sepultador 6 enfatiza a significância do trabalho do coveiro para a cidade, evidenciando a sua essencialidade para a ordem e o funcionamento do ambiente urbano. Essa perspectiva ressalta a função vital desempenhada pelos sepultadores na manutenção da saúde pública e na gestão adequada dos serviços funerários (Silva, 2019).

O segundo depoimento, dado pelo sepultador 3, destaca um evento histórico que ilustra a importância crítica dos sepultadores. A referência à greve dos coveiros durante uma epidemia, possivelmente a gripe espanhola, revela as consequências drásticas que a interrupção desse serviço essencial pode ter sobre a saúde pública e a ordem social (Souza, 2008). Esse episódio histórico serve como um lembrete poderoso do papel fundamental desempenhado pelos sepultadores na gestão de crises sanitárias e na prevenção da propagação de doenças.

Por fim, o sepultador 6 expressa sua percepção sobre a importância de seu trabalho, reconhecendo não apenas sua relevância para si mesmo, mas também para a comunidade em geral. Essa conscientização sobre o impacto positivo de seu trabalho na sociedade reflete um senso de responsabilidade social e um entendimento do valor do seu serviço para o bem-estar coletivo, uma vez que vivenciar a dor diariamente que está relacionado a morte produz nos sepultadores sensações e sentimentos que os trazem sofrimento por isso, os entrevistados buscam da maneira que podem, ou conseguem, criar estratégias de defesa coletiva e individual para suportar o sofrimento diário.

3.5 Conclusão

Todo o contexto das situações de trabalho dos sepultadores mostrou que os mesmos se mantiveram ativos frente às variabilidades e constrangimentos vivenciados durante suas atividades. Isso permitiu que através do uso do seu saber-fazer pudessem criar estratégias de mobilização para o enfrentamento das condições de trabalho e da organização do trabalho, através, por exemplo, da cooperação

realizada por eles entre si, além de ser perspicazes no ato mesmo dos enterros ao perceber as situações inusitadas da atividade e gerir com inteligência, buscando garantir a segurança de todos.

Verificamos que a situação das condições de trabalho, com todos os riscos apresentados e relatados na pesquisa, bem como a organização do trabalho, principalmente, em face da demanda de trabalho dos enterros com todas as circunstâncias de constrangimentos e variabilidades, torna esta função de sepultador um possível espaço de exposição ao sofrimento psíquico e construção de estratégias de defesa para o enfrentamento. O trabalho dos sepultadores tem um componente braçal significativo, mas, também, envolve aspectos emocionais. Os dados mostraram que os fatores de risco externos ao corpo do sepultador afetam sua saúde física. Porém, verificamos a existência de fatores de riscos psicológicos que impactam no afetivo e nas emoções dos sepultadores.

Dessa forma ressaltamos o quanto a pandemia foi prejudicial para os sepultadores ao observarmos que repentinamente todos esses fatores geradores de sofrimento foram consideravelmente aumentados pela pandemia, produzindo uma demanda de trabalho específica que anteriormente não existia. Se antes eles precisavam se mobilizar individualmente e/ou coletivamente para tentarem ressignificar o sofrimento presente em seu ambiente de trabalho, agora precisavam de novas ferramentas e estratégias defensivas que pudessem protegê-los dessa nova realidade que assolou a humanidade no contexto pandêmico.

3.6 Referências

Barros, V. A., & Silva, L. R. (2004). Trabalho e cotidiano no Instituto Médico Legal de Belo Horizonte. *Psicologia em Revista*, 10(16), p.318-333. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/24478/17141>.

Bezerra, E, B, N; Silva, E, F. (2023). *O trabalho dos agentes funerários em tempos de pandemia da Covid-19: atividade, riscos e suas consequências*. Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN.

Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Brasil. Conselho Nacional de Saúde. (2012). *Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. Diário Oficial da União, Brasília, DF. Recuperado de <https://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>

Brasil. Ministro de Estado do Trabalho - MTb. *Portaria n.º 871 de 06 de julho de 2017*. NR 6 – Equipamento de Proteção Individual - EPI. 2017. Acesso em: 08 de abril de 2024.

Brasil. Ministro de Estado do Trabalho - MTb. *Portaria n.º 876, de 24 de outubro de 2018*. NR 17 – Ergonomia. 2018. Disponível em: Acesso em: 08 de abril de 2024.

Centro de Estudos da Metrópole. 2020. Disponível em: <https://centrodametropole.fflch.usp.br/pt-br> . Acesso em: 15/04/2024.

Combinato, D. S; Queiroz, M. S. (2006). Morte: uma visão psicossocial. *Estudos de Psicologia Natal*, v. 11, n. 2.

Dejours, C. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Cortez – Oboré, 1992.

Dejours, C., & Abdoucheli, E. (1994). Itinerário teórico em psicopatologia do trabalho. *Psicodinâmica do trabalho: contribuições da escola dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. São Paulo: Atlas, 119-145.

Dejours, C. (1998). *Souffrance en France: la banalisation de l'injustice sociale* (Vol. 715). Paris: Seuil.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14 (3), 027-034. doi: 10.1590/S0103-65132004000300004

Dejours, C. (2004a). As relações domésticas: entre amor e dominação. Em: S. Lancman & L. I. Sznclwar (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro: Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, p.317-336.

Dejours, C. (2008). *Trabalho, tecnologia e organização: avaliação do trabalho submetida à prova do real*. São Paulo: Blucher.

Dejours, C. (2008). Addendum: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. In: Lancman, S., Sznclwar, L. I. (Orgs.). *Christophe Dejours: da psicopatologia à Psicodinâmica do Trabalho*. Brasília: Paralelo.

Dejours, C. (2012). Psicodinâmica do trabalho e teoria da sedução. *Psicologia em Estudo*, 17(3), 363-371.

França, E, S; Mota, A, H. (2021). *Prazer e sofrimento no trabalho: uma abordagem psicodinâmica*. Ano. 8. nº1. p. 5-20. ISSN 2358-5153

Falzon, P. *Ergonomia*. Tradução de Giliane M. J.; Ingratta *et al.* São Paulo: Blucher, 2016.

Goffman, E. (1988) *Estigma* - Notas sobre a manipulação de uma identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC.

Hughes, E. (1951). Work and the Self. In J. H. Rohrer & M. Sherif (Eds.), *Social psychology at the crossroads*, p. 313-323. New York: Harper.

Iraha, I. S., Silva, S. C. & Paula, P. P. (2017). Sentidos do Trabalho dos Sepultadores: Um Estudo Exploratório. *Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 2(4), 304- 319. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15260>

Lopes, K. (2018). *Avaliação de riscos ocupacionais no ambiente de trabalho de uma funerária na cidade de Assu/RN*. (Trabalho de conclusão de graduação). Disponível em: <https://repositorio.ufersa.edu.br/bitstream/prefix/3606/2/Kaliana%20LSL-MONO.pdf> . Acesso em: 08 de abril de 2024.

Lhulier, D. (2014). A invisibilidade do trabalho real e a opacidade das relações saúde-trabalho. *Trabalho & Educação*, Belo Horizonte, v.21, n.1, p.13-38,2012.

Mattos, U. A. O.; Masculo, F. S. (2011). *Higiene e segurança do trabalho*. Associação Brasileira de Engenharia de Produção – ABEPRO. Rio de Janeiro, p. 438

Mendes, A. M. (2007). *Psicodinâmica Do Trabalho: Teoria, Método* E. Casa do Psicólogo. Mendes, A. M., & Araújo, L. K. R. (2011). *Clínica Psicodinâmica do Trabalho: Práticas Brasileiras*. Brasília: Ex Libris.

Monteiro, D. F. B., Pereira, V. F., de Oliveira, L. L., Lima, O. P., & de Pádua Carrieri, A. (2017). O Trabalho Sujo com a Morte, o Estigma e a Identidade no Ofício de Sepultador. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, 6(1).

Morin, E. M. (2001). Os sentidos do trabalho. *Revista de Administração de Empresas*, 41(3), 08-19. doi: 10.1590/S0034-75902001000300002.

Oliveira, G, L; Ribeiro, A, P. (2021). Relações de trabalho e a saúde do trabalhador durante e após a pandemia de Covid-19. *Caderno Saúde Pública*. p.37, v. 3. DOI: 10.1590/0102-311X00018321.

Rodrigues, José Carlos. 2006. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Santos, L.F. B. (2021). *O trabalho vivo: Atividade dos sepultadores dos cemitérios públicos*. Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, Brasil.

Silva, J, M, R. (2018). *Sepulta-a-dor: reflexões sobre os possíveis efeitos do trabalho como coveiro*. V.1. p. 3-30, Universidade Federal de Campina Grande-UFCG-PB, Brasil.

Silva, E. F; Masson, L. P; Pessoa, M. C. *et al.* (2023). *O trabalhar em tempos de Covid-19: Pesquisas, ações e reflexões sobre a saúde no trabalho*. v. 1. p. 275-300. 1º ed. Eduepb.

Souza, C.M.C. (2008). A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. *Análise*. Manguinhos, 15 (4) Hist. cienc. saude. doi.org/10.1590/S0104-59702008000400004

Souza, M. E; Carrieri, A. P. (2015). When Invisibility is Impossible: Body, Subjectivity, and Labor Among Travestis and Transsexuals. *Journal of Workplace Rights*. p. 1-11.

Souza, A, P, P. Júnior, M, G, S. Alonso, R, R, P. Ucker, F, E. Silva, M, W. (2019). Vulnerabilidade ocupacional e ambiental dos trabalhadores de cemitérios. *REINPG*, n. 2, n. 1. p, 111-119.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas informações apresentadas e na análise dos dados coletados, podemos inferir que os relatos dos sepultadores elucidam a prática efetiva de suas atividades, destacando não apenas a eficácia na execução das tarefas, mas também sua empatia e compaixão em relação às famílias enlutadas. Esses aspectos evidenciam um ambiente laboral onde valores como sensibilidade e respeito pelo luto são essenciais, alinhando-se com as concepções acerca da organização do trabalho.

A pesquisa apontou as estratégias de enfrentamento adotadas pelos sepultadores, observamos sua habilidade em lidar com as complexidades inerentes à sua profissão, buscando atenuar os impactos emocionais associados aos riscos laborais, especialmente durante a pandemia. Apesar dos desafios enfrentados, os profissionais entrevistados expressaram contentamento e gratidão pela valorização de sua contribuição pela sociedade, destacando a resiliência e competência profissional dos sepultadores.

A partir do que foi coletado pelos participantes e discutido nos dois artigos que formaram a presente dissertação, é possível observar a importância crucial da atuação dos sepultadores na parte que assegura uma despedida digna frente ao falecimento de entes queridos, mesmo em tempos de pandemia. O contexto laboral dos sepultadores demonstra sua capacidade de adaptação e mobilização diante das adversidades vivenciadas, evidenciando a complexidade de sua função, que abrange tanto aspectos físicos quanto emocionais.

Diante dos achados durante a pesquisa foi visto que se faz necessário cada vez mais reconhecer que a pandemia representou um desafio adicional para os sepultadores, ampliando os fatores geradores de aflição e demandando novas estratégias defensivas para proteger sua saúde física e mental. Este período excepcional ressalta a necessidade de suporte e recursos adicionais para os trabalhadores enfrentarem essa nova realidade, destacando a importância de políticas e práticas que promovam o bem-estar desses profissionais em momentos de crise.

REFERÊNCIAS

Abrahão J. I. Reestruturação produtiva e variabilidade do trabalho: uma abordagem da economia. *Psicologia: teoria e pesquisa*. 2000; 16 (1):49-54.

Brasil. Ministério da Saúde. *Manejo de corpos no contexto do novo Coronavírus/ Covid-19*. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Acesso em: 20/03/2024.

Campos, A. P. S. Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial. 2007. 141 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública, São Paulo. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6134/tde-25112007-172840/pt-br.php> > Acesso em: 10/04/2024.

Dejours, C. (2004). Subjetividade, trabalho e ação. *Revista Produção*, 14 (3), 027-034. doi: 10.1590/S0103-65132004000300004

Dejours, C. (2011). A resistência. Em Christophe Dejours: da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho. Lancman, S. & Sznelwar, L. I. (Orgs.). Brasília: Paralelo.

Oliveira, I, M; Castro, R, V, O; Silva, T, R; Reis, M, M. (2020). Coveiro não! Sepultador! Antes invisíveis. Na pandemia, essenciais. E, agora?. CESTEH, Fiocruz.

Oliveira, G, L; Ribeiro, A, P. (2021). Relações de trabalho e a saúde do trabalhador durante e após a pandemia de Covid-19. *Caderno saúde pública*. p.37, v. 3. DOI: 10.1590/0102-311X00018321

Pacheco, A. Cemitério e meio ambiente. 2000. 102 f. Tese (Livre-docência) – Universidade de São Paulo, Instituto de Geociências, São Paulo. Disponível em: < http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/44/tde-23062015-131326/publico//Pacheco_LivreDocencia.pdf > Acesso em: 19/03/2024.

Pêgas, D. J.; Santos, F. E. A.; Guijarro, J. O.; Poveda, V. B. Saúde ocupacional dos trabalhadores de cemitérios. Revista Enfermagem UFPE on line, v. 3, n. 1, p. 70-76, 2009.

Pessoa, E. B.; Filgueiras E. V.; Lucena F. A. N.; Maciel, M. L.; Calheiros, R. P.; Correia, W. F. M. Análise ergonômica do posto de trabalho do coveiro. In: Anais do VII Congresso Latino Americano de Ergonomia – ABERGO. Recife, Brasil, 2002. Disponível em: < <https://docplayer.com.br/73832556-Analise-ergonomica-do-posto-de-trabalho-docoveiro.html> > Acesso em: 21/04/2024.

Silveira, A. L. D., & Merlo, Á. R. C. (2014). O medo: expressão de um coletivo de trabalhadores. Fractal: Revista de Psicologia, 26(2), 349-364.

Souza, A, P, P. Júnior, M, G, S. Alonso, R, R, P. Ucker, F, E. Silva, M, W. (2019). Vulnerabilidade ocupacional e ambiental dos trabalhadores de cemitérios. REINPG, n. 2, n. 1. p, 111-119.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

Caracterização

Identificação Pessoal e Profissional

Sexo

F () M ()

Idade: _____

Estado Civil:

Solteiro (a)

Casado (a)

União Estável

Divorciado (a)

Viúvo (a)

Outro: _____

Nível de escolaridade:

Ensino Fundamental incompleto ()

Ensino Fundamental completo ()

Ensino Médio completo ()

Ensino Superior incompleto ()

Ensino Superior completo ()

Pós-graduação completa ()

Pós-graduação incompleta ()

Filhos:

NÃO () SIM () QUANTOS? _____

Profissão

Função desempenhada: _____

Tempo de experiência: _____

Forma de ingresso no trabalho: _____

Renda: _____

Meu vínculo é:

Vínculo permanente (concursado (a)) ()

Contrato com tempo determinado/trabalho temporário ()

Contrato direto com a prefeitura ()

Contrato através de empresa terceirizada ()

Horário da jornada de trabalho atual: _____

Carga horária de trabalho: _____

Saúde

Ambiente Físico

No meu trabalho estou exposto a:

Ruído constante ou incômodo ()

Vibrações (oscilações ou tremores no corpo, ou nos membros) ()

Radiações (material radioativo, RX) ()

Calor intenso ()

Frio intenso ()

Poeiras e gases ()

No meu trabalho tenho:

Vestiários e banheiros suficientes e/ou adequados ()

Espaços adequados para pausas, lanches ou repousos ()

Lugar adequado para armazenamento dos equipamentos e ferramentas ()

Equipamentos e ferramentas adequados ()

Exigências Físicas

Apresentou problema de saúde nos últimos 05 anos?

NÃO () SIM () QUAL? _____

No meu trabalho estou exposto a situações de:

Ter que depender do trabalho de colegas ()

Ter que atuar a partir da demanda/necessidade dos clientes ou usuários ()

Prazos rígidos a cumprir (controle da qualidade, tempos curtos impostos, horários fixos, horários rígidos) ()

Ter que fazer várias coisas ao mesmo tempo ()

Frequentes interrupções ()

Ter que me apressar ()

Ter que resolver situações ou problemas imprevistos sem ajuda ()

Não poder desviar o olhar do trabalho ()

Ter que suprimir ou encurtar uma refeição, ou nem realizar a pausa por causa do trabalho ()

Ter que ultrapassar o horário normal de trabalho ()

No meu trabalho é:

A minha opinião é considerada, para o funcionamento do serviço ()

Possível expressar-me à vontade ()

Possível que a equipe discuta sobre o trabalho regularmente ()

Possível que a equipe discuta sobre o trabalho informalmente ()

Frequente a necessidade de ajuda entre os colegas ()

APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

- 1- Você pode contar como é exatamente um dia de serviço seu, desde a hora de entrada até a hora de saída do trabalho?
- 2- O que é ser sepultador para você?
- 3- Como era sua rotina no período da pandemia? O que mudou nos últimos tempos?
- 4- Como você se sentia antes, durante e após o sepultamento de alguma vítima do coronavírus? E hoje, como você se sente?
- 5- De que forma você foi informado sobre a nova forma de trabalhar na pandemia?
- 6- Você recebeu algum tipo de treinamento ou orientação?
- 7- Quais as tarefas que você faz diariamente?
- 8- Hoje você se protege contra os riscos do trabalho?
- 9- Quais os problemas mais frequentes que você enfrenta durante o seu trabalho? E o que você faz para lidar com eles?
- 10- O que você costuma fazer nas pausas do seu trabalho?
- 11- Você identifica comportamentos e expressões preconceituosas da sociedade por você ser sepultador?
- 12- O que você acha do seu trabalho? Acha ele importante? Para quem?
- 13- Se você pudesse escolher, escolheria outra profissão para trabalhar?

14- Você se sente reconhecido(a) pelo seu trabalho? Já recebeu algum tipo de reconhecimento pelo seu trabalho? Se sim, de quem? Colegas? Gerência?

15- Você já teve algum comprometimento de saúde física ou mental relacionado de alguma forma com o seu trabalho?

16- O que mais lhe dá prazer em seu trabalho? Qual momento de seu trabalho que mais lhe proporciona satisfação profissional?

ANEXO A - TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL



ESTADO DA PARAÍBA
PODER EXECUTIVO
PREFEITURA DE JUAZEIRINHO
Secretaria de
Desenvolvimento econômico e Turismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)

Prezados (a) Senhor (a):

Solicitamos sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Este projeto tem como objetivo

Objetivo Geral:

Compreender como tem se dado o trabalho dos sepultadores após o relaxamento das medidas de segurança biossanitárias e qual relação que elas mantêm com a saúde desses profissionais.

Objetivos Específicos:

- Levantar o trabalho prescrito e o real do trabalho dos sepultadores;
- Mostrar como se constitui a organização do trabalho dos sepultadores no contexto atual após a pandemia de covid-19.
- Identificar o sofrimento patológico ou criativo existente no trabalhar dos sepultadores.
- Identificar os fatores de proteção que podem contribuir para a saúde e bem-estar dos sepultadores, bem como os fatores de risco que podem afetar negativamente sua saúde.

Esta atividade não apresenta riscos aos participantes.



ESTADO DA PARAÍBA
PODER EXECUTIVO
PREFEITURA DE JUAZEIRINHO
Secretaria de
Desenvolvimento econômico e Turismo

Espera-se, com esta pesquisa os resultados colaborem com o aprofundamento dos estudos sobre os sepultadores, considerando, sobretudo, os aspectos relacionado a saúde mental, organização no trabalho, aspectos sociais e a relação destes com a pandemia causada pelo coronavírus e vivenciadas durante e após esse período. A necessidade de estudos aprofundados repousa sobre a atual condição em que se encontram os sepultadores no contexto de pandemia, despertando para um olhar atento e específico para a condição biopsicossocial relacionados ao trabalho desse grupo.

Qualquer informação adicional poderá ser obtida do telefone (83) 99941-0518 (Brenno Arley- pesquisador).

A qualquer momento, o senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado. Sem qualquer tipo de cobrança e poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores estão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereço e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Estamos cientes da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado



ESTADO DA PARAÍBA
PODER EXECUTIVO
PREFEITURA DE JUAZEIRINHO
Secretaria de
Desenvolvimento econômico e Turismo

"A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES"
desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós
Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a
orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Juazeirinho-PB, 02 de Junho de 2023.


IZAEL DOS SANTOS
Secretário de Desenvolvimento
Econômico e Turismo
Portaria 001/2021

Izael dos Santos
Secretário de Desenvolvimento
Econômico e Turismo
PORTARIA N. 001/2021
Juazeirinho-PB



ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SALGADINHO
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)

Prezados (a) Senhor (a):

Solicitamos sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Este projeto tem como objetivo

Objetivo Geral:

Compreender como tem se dado o trabalho dos sepultados após o relaxamento das medidas de segurança biossanitárias e qual relação que elas mantêm com a saúde desses profissionais.

Objetivos Específicos:

- Levantar o trabalho prescrito e o real do trabalho dos sepultadores;
- Mostrar como se constitui a organização do trabalho dos sepultadores no contexto atual após a pandemia de covid-19.
- Identificar o sofrimento patogênico ou criativo existente no trabalhar dos sepultadores.
- Identificar os fatores de proteção que podem contribuir para a saúde e bem-estar dos sepultadores, bem como os fatores de risco que podem afetar negativamente sua saúde.

Esta atividade não apresenta riscos aos participantes.

Espera-se, com esta pesquisa os resultados colaborem com o aprofundamento dos estudos sobre os sepultadores, considerando, sobretudo, os aspectos relacionado a saúde mental, organização no trabalho, aspectos sociais e a relação destes com a pandemia causada pelo coronavírus e vivenciadas durante e após esse período. A necessidade de estudos aprofundados repousa sobre a atual condição em que se encontram os sepultadores no contexto de pandemia, despertando para um olhar atento e específico para a condição biopsicossocial relacionados ao trabalho desse grupo.



Gerson Soares de Oliveira
Sec. Municipal de Administração
Portaria 005/2021



**ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE SALGADINHO
SECRETARIA DE ADMINISTRAÇÃO**

Qualquer informação adicional poderá ser obtida do telefone (83) 99941-0518 (Brenno Arley- pesquisador).

A qualquer momento, o senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado. Sem qualquer tipo de cobrança e poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores estão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereço e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Estamos cientes da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES" desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Campina Grande, 02 de junho de 2023.


Gerson Soares de Oliveira
 Sec. Municipal de Administração
 Portaria 005/2021

Nome e Assinatura do responsável da Instituição





TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL (TAI)

Prezados (a) Senhor (a):

Solicitamos sua autorização para realização do projeto de pesquisa intitulado "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Este projeto tem como objetivo

Objetivo Geral:

Compreender como tem se dado o trabalho dos sepultados após o relaxamento das medidas de segurança biossanitárias e qual relação que elas mantêm com a saúde desses profissionais.

Objetivos Específicos:

- Levantar o trabalho prescrito e o real do trabalho dos sepultadores;
- Mostrar como se constitui a organização do trabalho dos sepultadores no contexto atual após a pandemia de covid-19.
- Identificar o sofrimento patogênico ou criativo existente no trabalho dos sepultadores.
- Identificar os fatores de proteção que podem contribuir para a saúde e bem-estar dos sepultadores, bem como os fatores de risco que podem afetar negativamente sua saúde.

Esta atividade não apresenta riscos aos participantes.

Espera-se, com esta pesquisa os resultados colaborem com o aprofundamento dos estudos sobre os sepultadores, considerando, sobretudo, os aspectos relacionado a saúde mental, organização no trabalho, aspectos sociais e a relação destes com a pandemia causada pelo coronavírus e vivenciadas durante e após esse período. A necessidade de estudos aprofundados repousa sobre a atual condição em que se encontram os sepultadores no contexto de pandemia, despertando para um olhar atento e específico para a condição biopsicossocial relacionados ao trabalho desse grupo.





Qualquer informação adicional poderá ser obtida do telefone (83) 99941-0518 (Brenno Arley- pesquisador).

A qualquer momento, o senhor (a) poderá solicitar esclarecimentos sobre o trabalho que está sendo realizado. Sem qualquer tipo de cobrança e poderá retirar sua autorização. Os pesquisadores estão aptos a esclarecer estes pontos e, em caso de necessidade, dar indicações para contornar qualquer mal-estar que possa surgir em decorrência da pesquisa ou não.

Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados na publicação de artigos científicos, contudo, assumimos a total responsabilidade de não publicar qualquer dado que comprometa o sigilo da participação dos integrantes de sua instituição. Nomes, endereço e outras indicações pessoais não serão publicados em hipótese alguma. A participação será voluntária, não fornecemos por ela qualquer tipo de pagamento por esta autorização bem como os participantes também não receberão qualquer tipo de pagamento.

Autorização Institucional

Estamos cientes da intenção e autorizamos a realização do projeto intitulado "A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES" desenvolvida pelo aluno Brenno Arley Rodrigues de Souza do Curso de Pós Graduação em Psicologia da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação do professor Edil Ferreira da Silva.

Soledade, 13 de junho de 2023.

GERALDO MOURA RAMOS

PREFEITO

ANEXO B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO-TCLE

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE

Prezado,

O senhor (a) está sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada: “**A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES**”, sob a responsabilidade de: Brenno Arley Rodrigues de Souza e do orientador Edil Ferreira da Silva, de forma totalmente voluntária.

Antes de decidir sobre sua permissão para a participação na pesquisa, é importante que entenda a finalidade da mesma e como ela se realizará. Portanto, leia atentamente as informações que seguem.

JUSTIFICATIVA

Optamos por compreender o trabalho dos sepultadores neste período de pós-pandemia, buscando levantar a realidade das situações de trabalho em vários municípios da Paraíba para possibilitar evidenciar diversos contextos de vida e labuta destes profissionais. Neste sentido, pretendemos levantar a realidade do trabalho dos sepultadores levando em conta este novo contexto, no qual a proteção contra o vírus sarscov 2 já é operante, entretanto, o mesmo ainda se encontra entre nós. Para tanto, nos pautamos por algumas questões: Como os sepultadores estão percebendo este novo contexto de trabalho? O que estão fazendo para se proteger física e mentalmente diante das variabilidades e constrangimentos do Trabalho? Como os sepultadores percebem a relação desse trabalho com sua saúde física e mental?

OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL:

Compreender como se configura o trabalho dos sepultados após o relaxamento das medidas de segurança bio sanitárias e sua relação com a saúde desses profissionais.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- Levantar o trabalho prescrito e o real do trabalho dos sepultadores;
- Mostrar como se constitui a organização do trabalho dos sepultadores no contexto atual após a pandemia de covid-19;
- Verificar como se organizam individual e coletivamente na realização da atividade;

- Identificar o sofrimento patogênico ou criativo existente no trabalho dos sepultadores;
- Mapear os fatores de risco do trabalho dos sepultadores;
- Identificar as formas de proteção à saúde física e mental existentes ou não no trabalho dos sepultadores.

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Caracteriza-se exploratória porque se propõe a levantar informações acerca de um objeto pouco conhecido, buscando revelar suas nuances e especificidades.

A pesquisa será realizada nos cemitérios públicos das cidades de Juazeirinho e Soledade, por manterem um perfil de critério populacional, localização geográfica e desenvolvimento urbano.

Questionário sociodemográfico

Utilizaremos na pesquisa um questionário sociodemográfico dividido em 3 partes: caracterização, profissão e saúde. As perguntas presentes na primeira parte visam caracterizar o perfil dos sepultadores que trabalham nos cemitérios alvos da pesquisa, baseando-se em dados socioeconômicos. A segunda parte tem como objetivo levantar informações sobre a experiência profissional e requisitos da atividade. Já a terceira parte do questionário abordará elementos referentes às condições de trabalho, tem o propósito de verificar aspectos da saúde.

Entrevistas individuais

Neste sentido, serão realizadas entrevistas semiestruturadas individuais buscando entender os aspectos reais e simbólicos da interação do sujeito com o seu contexto de trabalho. Esse procedimento de análise permite apreender nos discursos dos participantes os sentidos e os significados, aproximando da dimensão subjetiva dos sujeitos.

Observação de campo

Para ter um maior aprofundamento da situação dos ambientes de trabalho dos sepultadores, já que a pesquisa será realizada em vários municípios, utilizar-se-á a técnica de observação de campo. Serão realizadas visitas in loco quando serão observados aspectos do espaço de trabalho, utensílios de trabalho utilizados, tipos equipamentos de proteção individual e coletivo usados, tarefas executadas, entre

outros. O material que resultarão destas observações de campo servirão para complementar os dados das entrevistas com os sepultadores.

ASPECTO ÉTICO

A pesquisa seguirá todos os pressupostos sugeridos na Resolução nº 466/2012, do Conselho Nacional de Saúde, que rege sobre a ética da pesquisa envolvendo seres humanos direta ou indiretamente, assegurando a garantia de que a privacidade do sujeito da pesquisa será preservada como todos os direitos sobre os princípios éticos como: Beneficência, Respeito e Justiça (Brasil, 2012).

A presente pesquisa oferece riscos mínimos aos participantes, seja de desconforto, surgimento de sentimentos, incômodo ou indisposição, porém diante de tais riscos, poderei dar o apoio inicial ao participante e indicar o Serviço da Clínica de Psicologia da UEPB para escuta psicológica, uma vez que sou psicólogo, podendo identificar quaisquer riscos, como os citados. Diante da evidência dos riscos, a pesquisa poderá sofrer alteração no cronograma de coleta dos dados, de modo a garantir o bem estar e desenvolvimento adequado da pesquisa. O participante poderá desistir de contribuir com a coleta de dados a qualquer momento, estando livre de prejuízo e constrangimento.

Ao pesquisador caberá o desenvolvimento da pesquisa de forma confidencial, entretanto, quando necessário for, poderá revelar os resultados ao indivíduo e/ou familiares, cumprindo as exigências da Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Ao longo da pesquisa os participantes não serão identificados pelo nome, mas por pseudônimos, de modo a garantir o sigilo e o anonimato, atendendo a Resolução nº 466/12 no inciso IV- 3 que diz: “e) *garantia de manutenção do sigilo e da privacidade dos participantes da pesquisa durante todas as fases da pesquisa;*”. Deste modo, os participantes receberão a garantia da proteção de sua imagem, bem como de sua identificação.

O voluntário poderá recusar-se a participar, ou retirar seu consentimento a qualquer fase da realização da pesquisa ora proposta, não havendo qualquer penalização ou prejuízo.

O participante terá assistência e acompanhamento durante o desenvolvimento da pesquisa de acordo com Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde.

Os dados individuais serão mantidos sob sigilo absoluto e será garantida a privacidade dos participantes, antes, durante e após a finalização do estudo. Será

garantido que o participante da pesquisa receberá uma via do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os resultados da pesquisa poderão ser apresentados em congressos e publicações científicas, sem qualquer meio de identificação dos participantes, no sentido de contribuir para ampliar o nível de conhecimento a respeito das condições estudadas. (Res. 466/2012, IV. 3. g. e. h.)

Em caso de dúvidas, você poderá obter maiores informações entrando em contato com (Brenno Arley Rodrigues de Souza), através do telefone (83) 99941-0518 ou através do e-mail: brenno_arley_souza@hotmail.com.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa, localizado no 2º andar, Prédio Administrativo da Reitoria da Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande – PB, Telefone (83) 3315 3373, e-mail: cep@setor.uepb.edu.br e da CONEP (quando pertinente).

CONSENTIMENTO

Após ter sido informado sobre a finalidade da pesquisa **A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES** e ter lido os esclarecimentos prestados no presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, eu _____ autorizo a participação no estudo, como também dou permissão para que os dados obtidos sejam utilizados para os fins estabelecidos, preservando a nossa identidade. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Campina Grande, ____ de ____ de ____.

Assinatura do Participante



BRENNO ARLEY RODRIGUES DE SOUZA

Assinatura do Pesquisador

ANEXO C - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ - TAGV**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ (TAGV)**

Eu, _____ depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada "**A RELAÇÃO TRABALHO E SAÚDE NA ATIVIDADE DOS SEPULTADORES**" poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, os pesquisadores (Brenno Arley Rodrigues de Souza) a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso dos pesquisadores acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

- I- Poderei ler a transcrição de minha gravação;
- II- Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, jornais, congressos entre outros eventos dessa natureza;
- III- Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
- IV- Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização, em observância ao Art. 5º, XXVIII, alínea "a" da Constituição Federal de 1988.

Os dados coletados serão guardados por 5 anos, sob a responsabilidade do(a) pesquisador(a) coordenador(a) da pesquisa (Brenno Arley Rodrigues de Souza), e após esse período, serão destruídos e,

Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Ademais, tais compromissos estão em conformidade com as Diretrizes previstas na Resolução N°. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde/Comissão Nacional de Ética em Pesquisa, que dispõe sobre Ética em Pesquisa que envolve Seres Humanos.

Campina Grande, ____/____/____.

Assinatura do participante da pesquisa

BRENNO ARLEY RODRIGUES DE SOUZA

Assinatura do pesquisador responsável



